# Hytériag da Guerra do Paraguai

# Lucio V. Mansilla

seleção e tradução Earle D. Macarthy Moreira



## Lucio V. Mansilla

### Histórias da Guerra do Paraquai

Seleção, tradução, apresentação e notas de Earle D. Macarthy Moreira

Porto Alegre, 2006

© Earle Diniz Macarthy Moreira (Org.) Foto Capa: Cuadro de Cândido Lopez

Foto Contra Capa: Fotografia Artigue Capitão Lucio V. Mansilla, Corte de Visite, apud. Miguel Angel De Marco - La guerra del Paraguai

Preparação de Originais e revisão: o organizador

Editoração, impressão e acabamento: Palier Artes Gráficas e Editora Ltda

#### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

M288h Mansilla, Lucio V.

Histórias da guerra do Paraguai / Lucio V Mansilla ; seleção e tradução Earle D. Macarthy Moreira. – Porto Alegre : Palier, 2006. 123p.

ISBN 85-98617-09-1

1. Guerra do Paraguai – História. 2. Contos Paraguaios. 3. Paraguai – História. I. Moreira, Earle D. Macarthy. II. Título.

CDD 981.0432

Bibliotecário Responsável

Ednei de Freitas Silveira CRB 10/1262

Artes Gráficas

Rua Dona Firmina, 87 Porto Alegre/RS 91520-210 Telefone: (51) 3024-4775 E-mail: palier@terra.com.br



## **SUMÁRIO**

Apresentação / V
I AMESPIL / 29
II JUAN PATIÑO / 37
III A EMBOSCADA / 47
IV A MINA / 55
V JUAN PERETTI / 63
VI ROMERO / 73
VII O CABO GOMEZ / 83

## APRESENTAÇÃO

A Guerra do Paraguai fixou na memória de seus sobreviventes, como não podia deixar de ser, lembranças imperecíveis; afinal, foram cerca de seis anos em campos de batalha, cujos nomes ainda ressoam nos fastos de quatro nações, lindeiras da Bacia Platina, hoje irmanadas no ambicioso projeto do Mercosul: Argentina, Brasil, Paraguai e Uruguai.

A maior parte dessas lembranças, certamente as mais interessantes, não encontraram outra divulgação além dos círculos familiares, já que a soldadesca era, na maior parte, analfabeta e incapaz de resguardá-las em cartas de próprio punho a pais, irmãos, esposas, noivas e amigos. O que restou e aos poucos vai aparecendo, é fruto da pesquisa acadêmica de nossos dias. O quanto ainda há por aí, perdido nalgum baú velho, desapercebido nos sótãos ou porões de vetustos casarões, carcomido pelos cupins e arruinado pelas intempéries, só Deus sabe.

Certas famílias, de rancio abolengo principalmente, quando conhecem a existência de tais papéis, não os deixam vir a público pelas mais diversas razões, tais como o receio de inconfidências do missivista a respeito de tal ou qual figura pública, tal ou qual episódio, que não conferem com as versões da historiografia oficial

—digamos assim— muito proclive a recamar de ouro protagonistas de alto bordo, em detrimento dos atores de segunda plana, sem os quais, no entanto, o espetáculo da guerra não poderia ser encenado. Outras, de berço mais modesto, simplesmente não se atrevem. São males que só o correr dos anos e as circunstâncias da vida poderão corrigir.

Algumas "memórias", no entanto, sobreviveram e afloraram há bastante tempo e até hoje, decorridos quase século e meio do fim da "maldita guerra", ainda encantam os leitores. Nesse rol, destaca-se *A retirada da Laguna* (1871), de Alfredo d'Escragnolle Taunay (1843-1899), que dela participou e lhe fez o relato. De sua lavra também são as *Memórias*, obra rica em recordações das vicissitudes de quem era, à época, jovem e ambicioso oficial de engenheiros.

Tipos humanos os mais variados, homens e mulheres, jovens e velhos em tempo de guerra, seus ditos e dichotes, suas idiossincrasias, perpassam por suas páginas e alcançam um lugar na história, que de outro modo não teriam.

O Cardoso Guaporé, negro velho octogenário, "rábula, não pouco inteligente e sagaz" que "dispunha de bastante agudeza de espírito" e "não pouca graça e interesse achava eu em sua conversa" —provavelmente, o primeiro a realizar um casamento civil no Brasil, antecipando-se assim, por mais de vinte anos, ao decreto que o instituiu, de 24 de janeiro de 1890, nos primeiros dias da República.<sup>1</sup>

Memórias. (2ª ed.). S. Paulo: Melhoramentos, s.d. pp. 196-8.

O galanteador João Pacheco de Almeida, "em extremo atirado às mulheres, como, aliás, o geral dos mato-grossenses que conheci", que tomou parte na Retirada da Laguna, com mérito suficiente para merecer o Hábito da Rosa.<sup>2</sup>

O capitão Costa Pereira, que "passara pelas mais terríveis inclemências para salvar a família, composta de mulher, ainda moça e bonita, distinta nos modos e dois filhinhos", —"que pena me metia aquela senhora, visivelmente de origem, maneiras e aspirações muito superiores ao triste meio em que se vira coagida a viver! Vestida de farrapos, em estado de adiantada gravidez, numa barraca esburacada, de pés no chão, no último grau de anemia, era a imagem da desolação e do desânimo".<sup>3</sup>

Destaco, entre muitos outros, o drama do soldado negro Manuel Maria, injustamente acusado de furto pelo oficial de engenheiros Joaquim José Pinto Chichorro da Gama, já então enfermo de morte, ao qual servia com a maior dedicação. Evoca-lhe a memória, emocionado, Taunay:

"Era incansável, sempre ao lado e à cabeceira do seu desventurado oficial".

Entretanto, ó raça negra capaz de todos os sacrifícios! Esse homem muito tivera que sofrer por causa do próprio Chichorro da Gama!

No Coxim, estando já ao seu serviço, desaparecera ao patrão uma carteira de couro contendo nada menos de oitocentos mil réis.

<sup>&</sup>lt;sup>2</sup> Op. cit., pp.194-5.

<sup>&</sup>lt;sup>3</sup> Op. cit., pp. 195-6.

Procuraram-na debalde por toda a parte e não sei porque, recaíram as suspeitas sobre Manuel Maria.

O pobre defendia-se quanto podia, alegava seu passado, os serviços já prestados, a boa vontade com que desempenhava as obrigações do comando. Mas nada pode salvá-lo de ser despachado. O que mais cruel foi: viu-se castigado a se apresentar ao seu batalhão, como culpado de furto.

Passou-se mês meio; e, um belo dia, achou-se a carteira intacta no ninho que a cadela perdigueira do Capitolino fizera para ter a cria debaixo da cama do próprio Chichorro da Gama! Lá estava! Absolutamente o caso da *Gazza ladra*!

Imagine-se o remorso do Chichorro! Mandou chamar o inocente Manuel Maria, pediu-lhe mil desculpas, procurou dar-lhe valiosa gratificação, a que não se prestou o brioso soldado, que afinal aceitou voltar a servir de camarada e preencheu admiravelmente as obrigações."

Chichorro vem a falecer, em 16 de julho de 1866, depois de lenta e cruel agonia, com os membros paralisando progressivamente:

"Apenas Chichorro da Gama faleceu, o camarada Manuel Maria, que carregava numa guaiaca o dinheiro do patrão, apressou-se em apresentá-lo. São um conto e duzentos mil réis, declarou, ou antes, deviam ser; mas tive ordem, há poucos dias do senhor Dr., de dar emprestados duzentos mil réis ao Sr. tenente..., que ainda os não pagou.

E este nunca satisfez a dívida. Interpelado, quis negá-la; atrapalhou-se e afinal nada confessou de positivo. Ficamos, porém, convencidos, que o soldado se portara muito melhor que o oficial. Não haviam, porém, chegado a termo as tristíssimas aventuras do mal-aventurado Chichorro embora a morte o tivesse amparado com o privilégio da eterna insensibilidade.

Fizemo-lhe uma capela ardente e como era de capim seco e estava ventando, colocaram-se sentinelas para impedir qualquer sinistro.

#### Baldados cuidados!

Alta noite, ouviu-se o sinistro grito de "fogo!" E quando todos saltamos fora das barracas, vimos a tal choça em chamas, já quase reduzida a braseiro.

Que espetáculo! Nunca me sairá dos olhos! Vi o Manuel Maria precipitar-se para dentro da palhoça a arder e dela sair, arrastando por uma perna, o cadáver todo rodeado de fogo!"<sup>4</sup>

Não será um "conto", no sentido literário estrito, mas sem dúvida é um "causo", no sentido gauchesco do termo e pode-se imaginá-lo a ser contado, numa roda galponeira, ao correr do chimarrão, por quem conhece do ofício.

Outros desses registros constantes das *Memórias*, — que por expressa determinação do Visconde "só podem, só devem ser entregues à publicidade depois de 22 de fevereiro de 1943, isto é completos cem anos da época do meu nascimento, ou cinqüenta anos de 1893, data em que as hei de depor em lugar seguro" — estão enfeixados, como no primeiro caso, em edição da Melhoramentos, autorizada , em dezembro de 1946, pelos senhores Affonso de E. Taunay e Raul de Taunay. Até en-

<sup>&</sup>lt;sup>4</sup> Op. cit., pp. 214-6.

tão permaneceram custodiadas na "Arca do Sigilo" do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

A simples leitura desse precioso legado explica os porquês da precaução do autor, cujos relatos —suponho— não pretendia criassem constrangimentos pessoais a seus companheiros de farda, amigos ou correligionários, bem como a seus descendentes, por cerca de três gerações.

Imagine-se a repercussão que teria entre os contemporâneos este depoimento:

"Quando, creio que em 1890, li *Le Colonel Ramollot*, de Charles Lerroy, impagável *charge* contra o oficial de tarimba, do velho soldado que ao assentar praça encontrava na mochila o bastão de Marechal de França", como dizia a expressão tão antiga quanto popular no exército francês, acudiram-me logo à memória as histórias dos vários Ramollots, a quem conheci em campanha, quer em Mato Grosso, quer no Paraguai, mas sobretudo aí.

Quantos desses nossos velhos grognards mal sabiam ler e escrever e quanta calinada desferiam a todo o propósito... Quanto também nós outros, da rapaziada da escola, vivíamos a repetir... e a inventar... inocentes pilhérias postas "no lombo" dos veneráveis soldados da Independência e dos veteranos do Prata?

A principal vítima das gaiatices do Exército era, creio, velho Brigadeiro, tão conhecido pela bravura como pela ignorância.

Dele se contava que, ditando ao secretário parte relativa a um combate dissera: "Não esqueça de escrever que o inimigo fugiu tomado de um terror pândego!"

Outra vez, como voltasse de longo e penoso reconhecimento, exclamava a cada momento: "Ah! estou estrompado: tenho os pés intransitáveis".

A conversa deste Brigadeiro era uma série de contínuas *batatadas*, como se dizia então no Exército, embora não fosse absolutamente um toleirão.

De uma *china*, formosa rapariga por quem certo oficial rio-grandense fazia grandes sacrifícios, referia: "Aquela chinota sustenta um luxo asinático", asiático, queria exprimir o bom do homem. Casa *aritméticamente* fechada, casa de *genealogias* verdes eram coisas que lhe atribuíam entre muitas e muitas outras calinadas de alto viso.

Por exemplo, relatavam que uma vez fizera com ar pesaroso a seguinte observação, ao contemplar enormes rolos de fio telegráfico, deixados numa estação pelos paraguaios: Que pena não nos poder servir tudo isto? —Mas, por que, General? —Ora e que palerma! não passariam senão as palavras em guarani!

Dele, ou de outro, se relatava ainda que num dia de forte trovoada fizera um ordenança varrer às pressas o assoalho da sala juncado de pontas de cigarro. E como indagassem os presentes, surpresos da necessidade de tal medida, redarguira vivamente: —Então os senhores não conhecem o poder das pontas em eletricidade?"<sup>5</sup>

Op. cit., pp. 392-3. Obs.: essas anedotas comprovadamente rolavam no exército, eis que comparecem também em Dionísio Cerqueira e José Luiz Rodrigues da Silva.

O depoimento de Taunay —"vivíamos a repetir... e a inventar... inocentes pilhérias— é preciso levar em conta como sinal de alerta, pois como diz o brocardo "em tempo de guerra, mentira como terra". Com o correr dos anos, terminam por misturar-se no mesmo saco de reminiscências, realidades e invencionices, ocorrências e anedotas, num emaranhado difícil de desenroscar.

No prefácio às *Recordações da Campanha do Paraguai*, do veterano José Luiz Rodrigues da Silva, João Maia refere-se ao fato de terem sido escritas "recorrendo tão somente ao poderoso auxílio de sua prodigiosa memória" e tendo como um de seus principais atrativos "a tonalidade humorística que lhe dá o General, descrevendo em estilo faceto anedotas originais ocorridas nos bivaques, por ele presenciadas e não raro seu participante".<sup>6</sup>

O próprio Rodrigues da Silva estabelece algumas reservas à sua narrativa quando escreve "é possível que nas minhas alusões a datas eu tenha claudicado por carência de notas arquivadas, visto apelar apenas para a memória, já em declínio pelo perpassar de três quartos de século; as ocorrências, contudo, como se gravam mais indelevelmente, se revestirão de genuína verdade, sem a menor intenção de deturpá-la...".<sup>7</sup>

Não se põe em dúvida a honesta intenção do autor de relatar a "genuína verdade", tal como se lhe apresentava nos escaninhos da memória. No entanto, valha, apenas para ponderar, o que escreveu Afonso Arinos de Melo Franco em *A alma do tempo*: "As memórias são a

<sup>7</sup> Op. cit., p. 8.

<sup>&</sup>lt;sup>6</sup> Recordações..., S. Paulo: Melhoramentos, s.d., pp. 4-5.

oficialização de uma atitude sempre presente em quase todas as formas literárias: a atitude subjetiva". E reforça:

"Ao narrar tão fielmente como puder o que fez, viu e sentiu na vida, o homem observa os acontecimentos e as pessoas com a inteligência e a sensibilidade que são dele, no momento em que escreve, e não aquelas que eram suas, nos tempos que procura arrancar do olvido. Em tais condições, a apresentação dos fatos passados incute-lhes, sem dúvida, um sentido renovado, ou, pelo menos, extrai deles um conteúdo vital, que podia não ser identificável, quando ocorriam".<sup>8</sup>

Na primeira entrevista concedida após o aparecimento, em 1975, de *Yo El Supremo*, com o qual consagrou-se como um dos mais notáveis escritores contemporâneos da língua espanhola, a Javier Rodríguez Alcalá, o escritor Augusto Roa Bastos deixou sobre a matéria interessante depoimento, que merece destaque por seu enfoque teórico:

"A relação entre a personagem histórica do doutor José Gaspar Rodríguez de Francia e o protagonista da novela é a que existe entre a história e o mito; isto é, entre a realidade concreta e objetiva e o mundo da imaginação, que a seu modo é outra realidade não menos válida que a primeira, só que seus modos de expressão e seus significados são diferentes.

A história trabalha com documentos. Busca as provas testemunhais de tal ou qual fato, de tal ou qual personagem. Tem a reconstrução ou pelo menos a interpretação de uma época, de um processo sociopolítico e cultural, de seus momentos e figuras

Ap. RÓNAI, Paulo. Dicionário Universal Nova Fronteira de Citações. (2ª ed.). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985. p. 614.

culminantes, o mais fielmente possível, em função das constâncias documentais. Por tanto, a tarefa do historiador é denotativa; quer dizer, denunciativa, explicativa e, no melhor dos casos, reveladora das linhas de força dessas épocas e processos, cujo sentido não é estático nem se congela em um só significado: não se dá de uma vez para sempre já que é dinâmico, dialético, como você queira.

A tarefa do narrador, por sua vez, é conotativa. Tende ao relacionamento dos fatos, mais além e muitas vezes prescindindo e até "rebelando-se" contra o documento. Busca os signos reveladores desses relacionamentos mediante as alegorias e os símbolos, conotando muitos sentidos ao mesmo tempo em um "feixe de relações". Trata de instaurar uma realidade mítica fundada na invenção, na fábula, que não pretende a distorção da verdade histórica, mas sim uma revelação mais profunda dos fatos, dos sentimentos e crenças coletivas. [...] É deste modo como os narradores e poetas -ainda os que se consideram mais realistas— continuam até hoje elaborando seus mundos de ficção, cuja realidade imaginária permite 'ver por um espelho na escuridão' a realidade concreta."9

Reduzindo-se os termos da exposição de Roa Bastos ao âmbito menor do conto, do "causo", das memórias ou das reminiscências, ajusta-se-lhes bem o viés "conotativo" da tarefa do narrador.

Rodrigues da Silva, por exemplo, relata um episódio por ele presenciado, na condição de alferes comissionado, comandante da guarda pessoal do general Osório, que ajuda a matizar-lhe a biografia:

<sup>&</sup>lt;sup>9</sup> ABC Color, Suplemento Cultural, 03.07.2005. Assunção/Paraguai.

"Osório, dotado de gênio alegre, pachorrento, cheio de bom humor, muito amável em geral, qualidades que o fizeram totalmente popular no Exército, mostrava-se um ou outro dia nervoso, aborrecido. Os que o cercavam compreendiam-no logo. [...] O organismo humano, todos sabem, não é de ferro. Por muito bem constituído que seja, e o de Osório primava pela resistência, mesmo assim, melindrava-se com a tensão do espírito.

Em um dos tais dias, desditosos para quem se aproximava com frívolos fins, prejudicando o seu precioso tempo, apresenta-se-lhe certo coronel, [...], comandante de batalhão de Voluntários da Pátria, procedente da corte, naquele momento, portador de uma carta do Ministro da Guerra, recomendando-o como muito digno de aceitação e trato especial.

O oficial trazia nos lábios sorriso encantador e irresistível do sexo das graças; era todo caído e dengoso, no intuito de cativar o bravo cabo-de-guerra. Osório leu e releu atentamente a missiva, e, em seguida, revestido da calma e sangue frio, que lhe eram próprios, acrescentou com riso sarcástico: "Perfeitamente Sr. Coronel, o Sr. Ministro envia-mo, carecendo de um tratamento especial. Ora, em campanha não disponho de recursos apropriados a restituir-lhe a saúde perdida. Prepare-se assim para o pronto regresso e, enquanto não embarca, mandarei vir já de Corrientes uma boa ama-de-leite e duas irmãs de caridade para encarregarem-se do seu tratamento exclusivo em minha presença; vá pairando por aí, ouviu?" [...]

Uma bomba da "Vovó", o famoso canhão paraguaio, que houvesse estalado entre o nosso grupo, certo não produziria no ânimo do pobre coronel perturbação mais acentuada. Sem proferir palavra afastou-se, tendo antes feito a continência ao querido, ao imortal Osório.

Após o fato, continuamos no magnífico churrasco, silenciosamente."<sup>10</sup>

Outro, e sem dúvida de maior porte, a nos legar um saboroso conjunto de lembranças do teatro da guerra, foi Dionísio Cerqueira, que lá esteve durante toda a campanha. Seu *Reminiscências da campanha do Paraguai*, lançado em meados de 1910, em edição francesa não identificada, só alcançou o grande público leitor brasileiro em 1929 (Briguiet). A Bibliex reeditou-o em 1948,1958 e 1980, com o maior sucesso.

Uma primorosa "Introdução" de Umberto Peregrino acompanha essa última edição. Nela Dionísio Cerqueira nos é apresentado como "homem múltiplo": militar, político, engenheiro, ministro de estado, geógrafo e escritor. Ressalta-se-lhe o papel que desempenhou no campo diplomático, a começar pela autoria "do parecer que fez a Câmara rejeitar o infeliz tratado de partilha, firmado por Quintino Bocaiúva, em 25 de janeiro de 1890. Nessa delicada "Questão de Palmas", também e impropriamente conhecida como "das Missões", Dionísio Cerqueira conhecedor como poucos do território em litígio, foi o descobridor, em Madrid, do chamado "Mapa das Cortes", peça fundamental para a sentença favorável ao Brasil, por parte do Presidente Cleveland. Des-

<sup>10</sup> Recordações..., pp.24-5.

lindada a questão diplomática, chefiou a comissão demarcadora da linha divisória entre o Brasil e a Argentina. Quando pronunciou-se sobre a "Questão do Acre", já era portador de invejável bagagem como geógrafo e explorador das mais remotas paragens do território nacional, do tempo em que fora integrante da Comissão de Limites do Brasil com a Venezuela.

Umberto Peregrino define-o como "um autêntico escritor, e não apenas o eventual autor de algumas obras", "um artista da palavra no que essa condição tem de mais completo: dominava o idioma com maestria, detinha uma sensibilidade aguda, um espírito crítico afiado, uma inteligência aparelhada, um caráter autônomo e rijo. Por tudo isso coloco Dionísio Cerqueira ao lado de Alfredo de Taunay, entre os nossos maiores escritores militares". 11

Algumas passagens das *Reminiscências* dão plena razão a Umberto Peregrino, ele mesmo militar de reconhecida competência como tal, perito em história e literatura relativas ao ofício, além de notável folclorista.

Para Dionísio, baiano de nascimento e em plena adolescência quando estourou a guerra —"Estava nos meus dezessete anos e estudava o 2º ano da Escola Central",— os cinco anos peregrinando pelos campos e povoados do Rio Grande do Sul, Uruguai, Argentina e Paraguai —"Parti soldado... a 5 de fevereiro de 1865 e voltei tenente de infantaria em junho de 1870"—, foram de desvelamento, de descoberta de um novo mundo, cheio de agruras, mas também de encantamento. Ah, o encon-

<sup>11</sup> Reminiscências..., pp. 17-44.

tro com o inverno!, "excepcionalmente frio no ano de 1865":

"Os campos amanheciam brancos de geada. Parecia que tinham sido polvilhados com sal refinado ou açúcar branco cristalizado. Eu me fechava na barraquinha de duas praças, deitado sobre as caronas cobertas com pelegos de carneiro, tendo por travesseiro o lombilho e por cobertor o ponche reiúno. Dormia todo vestido e tiritava de frio. Ia me aguentando o melhor que podia e melhorando a bóia com o pouco que conseguia das minhas duas libras de mesada. O meu amigo Amarílio de Vasconcelos morava comigo e era excelente prosa: matávamos o tempo palestrando antes de chegar o sono. Apesar da falta de conforto da vida de praça de pré em campanha, meu espírito comprazia-se com aquele cenário, onde tudo era novidade". 12

Como o leitor de hoje deixará de desfrutar com aquele guerreiro, recém saído dos cueiros, do calor aconchegante do fogo de chão, do cheirinho bom do churrasco, do prazer do mate amargo?

> "Um dia fui com dois companheiros [...] visitar o Pantaleão Teles, que era alferes e comandante do piquete de Osório".

> Estava acampado à margem de um pequeno arroio, na ourela de uma mata rarefeita de salgueiros. O João Teles era cadete-sargento e servia com o irmão. Havia umas três barracas armadas, alguns cavalos à soga, duas varas com matambres sovados e mantas de carne gorda estendidas, uma chaleira ao fogo e dois enormes churrascos, espetados em varas fincadas junto a um grande brazido e que um cabo soassava virando de um lado para outro. Não havia

<sup>12</sup> Op. cit., p. 65.

nem cadeiras nem bancos. Os assentos eram troncos de árvores ou os nossos calcanhares.

Logo de chegada, correu o mate à roda. Vinha sempre *gordo* porque o cabo *cevador* era mestre na sua arte. Depois de sorvidos alguns *porongos*, aproximamo-nos mais do fogo e o cabo pôs um punhado de sal numa tampa de marmita, que encheu de água do arroio e colocou ao lado de um dos assados. Éramos cinco. Cada um com sua faca, separava um grande naco daquela carne aromática e apetitosa, molhava-o na marmita da salmoura e levava-o à boca, cortando-o de baixo para cima, sem receio de ficar sem a ponta do nariz. De vez em quando, tirávamos um pouco de farinha com a ponta da faca e assim continuamos, de cócoras, até ficar limpo o espeto. Tomamos mate depois e fumamos nosso cigarro de palha de milho.

A curtos espaços, renovamos o ataque, até que anoiteceu. Estendemos os arreios debaixo de um grande *umbu*, e, ao relento, sob um céu excepcionalmente límpido, onde as estrelas cintilavam com brilho anunciador de forte geada, deitamo-nos ao lado uns dos outros e passamos uma noite agradável..."<sup>13</sup>

Num de seus causos mais hilários, o autor, já cadete, conta com muita graça como passou de maturrango a exímio conhecedor de cavalos de montaria e aprendeu, a duras penas, a diferenciar um alarife ou caborteiro, de um manheiro, redomão ou aporreado. La E assim vão se desdobrando suas lembranças, em relatos mais ou menos curtos, onde os cenários bélicos, os juízos dos homens e seus feitos, quarenta anos depois de um dos maiores conflitos do século XIX e, sem dúvida, o maior e mais

<sup>&</sup>lt;sup>13</sup> Op. cit., pp. 66-8. <sup>14</sup> Op. cit., pp. 73-6.

cruento da história do Brasil independente, são apresentados criteriosamente: "Das ações de guerra, de que fui testemunha e obscuríssimo comparsa, relato o que resta, do que me foi dado observar no campo demasiado restrito da visão do soldado e oficial subalterno." <sup>15</sup>

Lucio V. Mansilla, cujos contos ou, melhormente, causos, constituem o motivo fundamental desta publicação, tem uma história de vida que, por vezes, sem que sejam "vidas paralelas", em seu transcurso apresenta algumas similitudes com as do Visconde de Taunay e do General Dionísio Cerqueira. Sem aprofundar o tema: o cenário da guerra — o mesmo para os três — tem fundamental importância para seus futuros, quer no campo literário, político, diplomático ou periodístico. Suas carreiras e seus escritos são disso provas concludentes.

Nasceu em Buenos Aires em 28 de dezembro de 1831, de família patrícia. Seu pai, general Lucio Mansilla, teve destacada atuação nas contendas políticas de seu tempo, e sua mãe era nada mais nada menos que irmã do todo poderoso *Restaurador de las leyes*, Juan Manuel de Rosas.

Sua biografia é um autêntico romance, repleta de paixões fulminantes e gestos impulsivos, bem ao gosto do espírito da época. Aos 17 anos tenta fugir para Montevidéu a fim de casar-se com uma costureirinha francesa, o que lhe valeu o desterro familiar na longínqua estância de um tio, para as bandas do rio Salado. De lá, numa escapada a Chascomus, conhece e apaixona-se

<sup>15</sup> Op. cit., Advertência, p. 45.

por uma prima, Catarina Rosas, que veio a desposar em 1853.

Decididamente avesso a todos os intentos de transformá-lo em ruralista ou comerciante, aproveitou-se de encargo paterno para comprar uma carga de juta na Índia e gastou o dinheiro percorrendo o Oriente e a Europa, em grande estilo, brilhando nos salões da alta sociedade.

A queda de Rosas, em 1851, determinou-lhe um exílio regado a champanhe e caviar em Paris, na companhia de seu pai, desfrutando da amizade de Eugênia de Montijo e freqüentando seu círculo de relações.

Em 1857 começa uma longa carreira de periodísta na capital da Confederação e em 1861 ingressa como capitão no exército de linha. Muito cioso de sua honra foi protagonista de memoráveis duelos.

Data de 1855 sua primeira produção literária, um relato de viagens — De Adem a Suez — à qual seguir-seão peças teatrais, crônicas, traduções, etc. É, no entanto, graças principalmente a duas obras, que até hoje fazem o deleite de seus leitores, que seu nome se insere num dos degraus mais altos da história literária de sua pátria: Una excursión a los indios ranqueles, inicialmente publicada em forma de cartas em "La Tribuna" de Buenos Aires e, no fim do mesmo ano de 1870, editada como obra completa graça a Hector Varela e Entre-nos. Causeries del Jueves, originalmente, uma série de artigos publicados entre 1888 e 1889 no periódico "Sud América", editada como livro em 1890.



A vida de Lucio V. Mansilla foi uma permanente aventura, verdadeiro romance. Nela se incluem índios e gaúchos, faustosos salões com mulheres linda e repletas de jóias, militares e políticos de alto coturno, dandis e aventureiros internacionais. Ele sempre no centro dos acontecimentos, pontificando na imprensa, discursando no parlamento ou mateando na Patagônia em rodas de rudes soldados, frades missionários, caciques ferozes e gauchos malos.

Num existir de altos e baixos, frustrado quase sempre em seus mais ambiciosos projetos, nem por isso alguma vez rendeu-se aos azares da vida. Viuvo e quase septuagenário, casa-se em Londres (1899), com Mônica Torromé, aristocrática e rica viuva, cuja idade era a metade da sua. Boda cercada de pompa e circunstância, oficiada pelo arcebispo de Westminster, na capela da família real. Esposa dedicada que o acompanhou até o fim quando, cego e paralítico, morre em Paris, cidade de seus sonhos, em 8 de outubro de 1913.

A Guerra do Paraguai foi teatro de suas andanças e, percebe-se em seus escritos, marcou-o indelevelmente. Lá sofreu e viu, como em nenhum outro lugar, o sofrimento alheio; assistiu a morte de alguns de seus mais caros amigos. *Dominguito* Sarmiento, consta que teria exalado o último suspiro em seus braços, no massacre de Curupaiti, onde ele próprio resultou ferido. De volta à Argentina, com as tropas retiradas do teatro da guerra para debelar a revolta de Cuyo, ("revolución de los colorados"), retornou ao Paraguai a tempo de participar da batalha de Humaitá, em 1868. É nomeado, posteriormente, "comandante de fronteiras" — no caso, fronteiras com os índios em pé de guerra na zona do Rio Quar-

to. Lá empreendeu a extraordinária aventura de entrar pelo território dos indomáveis ranqueles, sem mais companhia que dois frades franciscanos e dezoito soldados, a fim de concertar com eles um tratado de paz.

A inveja e a desconfiança que tal empresa provocou nos altos escalões governamentais, abortaram o projeto apesar de exitoso em princípio. O humanitarismo de Mansilla não compaginava com a política agressiva e de extermínio dos indígenas, herdada da época colonial.

Incorporar as populações indígenas à nação argentina pela catequese, pela assimilação, não estava nos planos dos magnatas da economia e da política premidos, incialmente, entre 1850 e 1855, pela chamada "febre do ovino" e os lucros advindos das exportações de lã, que tiveram como conseqüência o deslocamento da criação de bovinos em direção a novas pastagens, nas terras ocupadas pelos indígenas, inexploradas e mais próximas às fronteiras com o Chile. Acrescente-se a isso o começo da indústria frigorífica e tem-se o quadro bem demarcado do problema.

Entre civilizar — processo relativamente longo e custoso — e o extermínio puro e simples dos "bárbaros", a opção mais rentável e mais rápida, assumida pelo estado e bem trabalhada na opinião pública foi a última. Pode-se dizer que a conquista manu militari — "a campanha do deserto"— realizada pelo general Roca em 1879, é um dos marcos da modernidade argentina.

Como ressalta Miguel Angel Palermo, o que se queria era "um país à européia — era a necessidade de eliminar a população autóctone e substituí-la por imigrantes, no possível anglo-saxões ou germânicos". País onde não haveria mais lugar nem para o índio, nem para o gaúcho, considerados seres sem serventia, intrinsecamente avessos à civilização e ao progresso. 16

Não é de admirar, portanto, que a premiação de *Una excursión a los indios ranqueles* no Congresso Geográfico Internacional de Paris haja causado o maior impacto nos círculos literários e políticos de Buenos Aires. As sucessivas edições, inclusive em francês, inglês, alemão e italiano, obrigaram a crítica a considerá-lo com o devido respeito, em que pese seu "característico tom de tertúlia", "onde o anedótico se mescla com a análise histórica e considerações filosóficas".

Atualmente, ninguém contesta o lugar de destaque que ocupa entre os integrantes da *generación del 80*, ao lado de Eduardo Wilde, Lúcio V. López, Eduardo Cambaceres, Martín García Mérou, *Fray Mocho* e Paul Groussac. Escritores arrolados por Ricardo Rojas como "prosistas fragmentários". Homens do mundo, grandes viajantes, que "alternaram as amenas conversações dos clubes elegantes com os livros e o labor político e intelectual". Humor e ironia constituíram seu traço característico e evocaram o passado com anedotas e reminiscências de episódios, em grande parte, por eles presenciados, cultivando todos um forte idealismo.<sup>17</sup>

Nesta apresentação que se faz de sete contos de Lucio V. Mansilla, não há como desconsiderar o estudo

<sup>17</sup> Cf. COSMELLI IBAÑEZ, José Luís. Historia de la cultura argentina. Buenos Aires: El Ateneo, 1992. Pp. 399-405.

Excursión a los indios ranqueles. Buenos Aires: Cedeal, 1993. V. 1, Prólogo, pp. I-XI.

feito por Carlos Orlando Nallim, da Academia Argentina de Letras, —Cinco narradores argentinos: Mansilla, Álvarez, Dávalos, Arlt, Di Benedetto. 18

Considera Una excursión... um "testemunho que deleita", "moderno porque não necessitamos de um trabalho de antiquário ou de especialista em arcaísmos para lê-lo com prazer". Ressalta-lhe a feliz escolha do gênero epistolar, "no qual achou a liberdade adequada a seu temperamento narrativo", e "pôde roçar superficialmente as coisas, assim como em outras ocasiões calar breve e profundamente em problemas de magnitude". Para ele, Mansilla é um mestre do paralelismo, da antítese e da anáfora, com que consegue conjugar a intensidade emotiva com a descrição.

No gênero "narração breve", que Mansilla chama de "conto de fogão" — por exemplo, A história do cabo Gómez — o autor instintivamente assume o papel de personagem protagônico. Fato, aliás, que pode-se perceber tanto em Taunay como em Dionísio Cerqueira, igualmente cultores do gênero.

E, para não me alongar nesta apresentação, que já vai além da conta, faço comparecer, na esteira de Juan José Sebreli — El tiempo de una vida<sup>19</sup> — a reivindicação desse "gênero híbrido, mestiço, indefinido, como o mais adequado para captar a realidade humana que é, simultaneamente, individual e social, interior e exterior, subjetiva e objetiva, singular e universal" — e concluo com o juízo do saudoso crítico e ensaísta uruguaio Emir Rodríguez Monegal:

NALLIM, op. cit., México: UNAM, 1987; pp. 11-43.
 SEBRELI, op. cit., Buenos Aires: Sudamericana, 2005; *Prólogo*.

"Mansilla me parece insuperável quando se abandona à narração pura, quando se aproxima de um personagem para contar a sua história (seja índio, soldado, cativo ou china... Mas onde Mansilla alcança seus mais legítimos acertos estilísticos é na reprodução viva, sem amplificações que estropeiam tanta página gauchesca —e não excluo algumas de Martín Fierro—, da fala de seus homens. Quero dizer de seu espírito. Aqui a sua crônica está à altura do mais autêntico produzido por esta América."<sup>20</sup>

Os contos/causos — Amespil, Juan Patiño, A emboscada, A mina e Juan Peretti— foram selecionados do texto da primeira edição de Entre-nos. Causeries del jueves, em cinco volumes, feita pela Casa Editora de Juan A. Alsina (1889-1890), reproduzida pelo "Proyecto Biblioteca Digital Argentina" (http://www.biblioteca.clarin.com). Romero provém de Charlas inéditas, (seleção, apresentação, notas e cronologia por Raúl Armando Kruchowski, Editorial Universitária de Buenos Aires, 1966), igualmente publicado no mesmo sítio. Fique o registro, com louvor, do referido empreendimento de El Clarín de Buenos Aires, disponibilizando pela internet, aos leitores de todo o mundo, a valiosa herança cultural argentina.

MONEGAL, in Anales del Ateneo — Cuadernos de Lecturas; http:mll.Cas.buffalo.edu/rodriguez-monegal/bibliografia/ prensa/ artpren/ ateneo/ateneo\_01.htm.

Para *A história do cabo Gómez*, peça antológica de narração breve, com que se fecha este volume dedicado a Lucio V. Mansilla, o texto utilizado foi o de *Una excursión a los indios ranqueles*, edição de 1993, v.1, do Centro Editor de América Latina, de Buenos Aires, com prólogo e notas de Miguel Angel Palermo.

As notas dos textos escolhidos são do tradutor.

Earle D. Macarthy Moreira



#### **AMESPIL**

"O homem não é nem anjo nem demônio." 1

Estávamos no acampamento de *Ensenaditas*, quando da Guerra do Paraguai.

Enquanto nos preparávamos para os combates com o inimigo, travávamos batalhas diárias com os insetos, sobretudo, com as moscas. Eram tantas, que não escureciam o sol, como as flechas de Xerxes, mas nos enlouqueciam.

Para comer, sem comê-las em considerável quantidade, tínhamos que valer-nos de diversos estratagemas. Um deles consistia em pormo-nos de cócoras, em levantar o poncho pela boca, de modo que formasse com a cabeça, caindo nos lados até o chão, uma espécie de guarda-chuva, — de guarda-moscas — e feito assim o vazio e a obscuridade, servindo de fresta, para que entrasse um pouco de luz, a abertura dessa tão útil prenda americana, (que não é mais que a manta andaluza, que se toma por duas pontas, revista e corrigida), estava semi-resolvido o problema de comer meio vendo, ao lado do fogão, o que com a maior precipitação possível nos passavam por baixo os solícitos serventes. Tudo isso não

<sup>&</sup>lt;sup>1</sup> Blaise Pascal, Pensées, 358.

impedia, por muitas que fossem as precauções, que tragássemos o que queríamos e o que não queríamos.

Um dia, me destinaram um pelotão de recrutas. Eu era o major do 12 de linha e seu chefe interino, pois a brigada que formávamos com o 9, era chefiada pelo comandante Ayala. Fez-se o de costume: averiguou-se a vida e milagres de cada indivíduo, o melhor que se pôde, porque eram estrangeiros que falavam todas as línguas e alguns nenhuma.

Entre eles sobressaía por seu tamanho e volume, suas mãos deformes e seus *peses* (como dizia o coronel Baigorria, aquele que veio a Pavon com os índios de Coliqueo)<sup>2</sup>, um sujeito que havíamos trocado, com o regimento de artilharia, por um francês. O infeliz era daqueles que não falavam nenhuma língua. Falava um dialeto, que mais tarde ficamos sabendo que era *bávaro*.

E que bávaro! Era tão grande que não havia vestuário que lhe servisse: de sapatos, então, nem falar; se lhe fizeram uns tamancos de couro de carneiro, porque tinha os referidos pisantes estropiadíssimos, tanto como as mãos, a ponto que, dando a entender por sinais que sabia manejar o fuzil, não podia empunhá-lo.

Enquanto esse como-homem se curava e se lhe aprontava um uniforme, a tropa, com seu olho múltiplo de observador, ignorante mas perspicaz, ia-lhe desco-

<sup>&</sup>lt;sup>2</sup> Manuel Baigorria, espécie de cacique branco da fronteira, aliado de Mitre. Coliqueo, cacique dos borogas, grupo de índios amigos de Buenos Aires. Batalha de Pavon, entre Urquiza e Mitre, 17.09.1861; marco da reorganização nacional argentina.

brindo as propensões e habilidades. Consistiam estas em duas: Amespil comia por três e bailava tirolesas<sup>3</sup>.

A tropa o vestia de mulher. Amespil assobiava uma toada e, enquanto lhe davam bolachas, ele dançava, fazendo piruetas como um elefante com crinolina e todos nos divertíamos.

Amespil curou-se, ficando são, como costumamos dizer os do ofício, de lombo e patas e, — ó surpresa! — sempre o imprevisto decidindo a sorte dos mortais! — viu-se que manejava o fuzil admiravelmente e marchava como um prussiano.

Consequências: foi convertido em instrutor e, vista sua voracidade insaciável de abutre, ordenou-se dar-lhe ração dupla.

Esse pobre Amespil, não obstante sua inocência, porque era uma alma de Deus, foi vítima, — vejam vocês o que é o mundo! — de suspeitas e acusações contra seu pudor, de que era culpado unicamente um soldado sanjuanino, que tinha por apodo *Culito*, entre parênteses, muito ladrão. E só se salvou de um severo castigo porque tive uma inspiração salomônica para descobrir o culpado. Mais me valera não a haver tido, porque daí tomou corpo a calúnia, para inventar a lenda de que eu havia feito comer a um homem pelas moscas.

Mas esse conto não é para este lugar e o contarei, Florêncio<sup>4</sup>, como *pendant* daquele que me pediste, noutra manhã, quando tenha tempo e humor para ocupar-

<sup>4</sup> D. Florencio Madero, a quem é dedicada a crônica.

<sup>&</sup>lt;sup>3</sup> Dança típica do Tirol, em andamento moderado e compasso ternário.

me daquilo que, por ser-me personalíssimo, pôde fazerme sofrer.

É!, a glória tem seus espinhos e por ela estávamos, mais de quatro anos, fazendo a guerra do Paraguai.

A vida de Amespil deslizava plácida e tranquila entre o manejo das armas, sua ração dupla e as tirolesas pagas por *tutti quanti*. E não há que falar das privações, das moléstias e perigos comuns, porque esse era o pãonosso de cada dia daquela grande guerra.

Mudávamos de acampamento, travávamos combates e batalhas e a guerra não terminava. Acostumamonos tanto àquele jogo, que havia momentos nos quais nos teria dado raiva, se nos tivessem dito: "Isto acaba amanhã."

Talleyrand dizia: *tout arrive*. Havíamos triunfado sempre. Logo, alguma vez nos haviam de derrotar.

Chegou, pois, o assalto de Curupaiti.

Nessa manhã triplicou-se a ração da tropa, porque acreditávamos dormir do outro lado das trincheiras.

Amespil não recebeu ração nenhuma. Por quê? Porque não houve tempo de passar revista de armas. Ele era muito porco e para obrigá-lo a cuidar um pouco de seu fuzil, somente era racionado depois daquela formalidade.



Amespil, naturalmente, devia estar levado do diabo, vendo aquele esbanjamento inusitado, ao passo que a ele não chegava seu São Martim.<sup>5</sup>

Marchamos.

Eu estava com meu batalhão, oculto em uma dobra do terreno, ouvindo, de prontidão, os canhonaços, a fuzilaria e sentindo o ruído diabólico daquele inferno de fogo. Esperávamos, a cada momento, com a maior impaciência, a ordem de avançar. Os paraguaios a princípio não nos haviam visto mas, logo, nos descobriram e, pouco a pouco, começaram a acariciar-nos algumas balas rasas de canhão. Essas carícias têm muitos inconvenientes, sobretudo quando se está em posição de sentido; porque, como disse D. Alonso de Ercilla<sup>6</sup>:

"O medo é natural no prudente E saber vencê-lo é ser valente."

A minha tropa estava em coluna por dois, com as armas em descanso. Como algumas balas passavam quase rasantes às baionetas — isso é elétrico — a coluna fez um movimento de vaivém, como o das ondas. Eu, o único que estava a cavalo, mais que dando uma voz de comando, disse: "Firmes, rapazes!".

E isso dizendo, para distrair um pouco a atenção dos que já sentiam queimar as batatas, me pus a recorrer as filas, passando pelos intervalos e dirigindo chistes amenos a certos soldados de prestígio.

Dit. espanhol: "A todo cerdo le llega su San Martín". Ref. ao dia do santo, em começos de novembro, com os primeiros frios secos, próprios à feitura de chouriços, presuntos, etc. Celebra a matança dos porcos.
 Alonso de Ercilla y Zúñiga, 1533-1594. Autor do poema épico La Araucana.

Tocou o turno de Amespil. Estava na primeira fileira, com a cara muito desenxabida. Agarrei-lhe a pêra, que era comprida, dei-lhe um tirão e o fiz abrir aquelas duas mandíbulas de mastodonte, até ver-lhe a campainha. Ele rugiu, juntamente com um meu: "Como te vais, Amespil?". E quando o soltei, bateu na pança com a mão esquerda e, olhando-me com olhos furibundos, disseme em sua meia língua: — Major mau! Bolacha nada! Alho! Hum!

Quer me parecer, não me recordo bem, que o hoje comandante Villaruel, ajudante-de-ordens do Presidente da República, comandava essa companhia. Ele explicou-me aquele rugido e eu, então, passando a outra coisa, respondi (Amespil entendia): — Depois te darão trinta e seis bolachas.

Estava eu ferido em uma barraca do hospital de sangue, de terra, depois de haver estado no fluvial, onde — suprimo detalhes — examinou-me Caupolicán Molina, o qual, não achando ali sanguessugas, disse-me: — Faça-se levar o quanto antes ao acampamento e que lhe ponham duas dúzias de sanguessugas.

Haviam-me aplicado as ditas, estava deitado de costas, todo ensangüentado, pois os animaizinhos picavam que dava gosto. Reinava a meu redor esse rumor solene da derrota; ouviam-se os ais dos feridos que estavam sendo amputados, os queixumes dos que chegavam conduzidos em padiolas ou arrastando-se, as pisadas dos dispersos que *caíam* buscando suas bandeiras. Pela porta da barraca, (era a hora do crepúsculo), via os homens desfilarem como fantasmas. De repente, vi alçar-se um, imenso, todo embarrado, com o fuzil a tiraco-

lo e pendendo dele uma enorme trouxa. Pareceu-me ser Amespil, que eu dava por morto.

- Amespil! gritei. Ele voltou-se, como se tivesse ouvido sair um eco debaixo da terra.
  - Amespil! Amespil! repeti.

E ele, atraído por minha voz, veio. Chegou e deixando cair a trouxa, que fez ruído, anunciando claramente: "estas são bolachas", meteu a cabeça dentro da barraca e, olhando-me todo espantado, desmanchou-se em lágrimas, dizendo no seu jargão: — Meu major, vivo, vivendo! Amespil, Amespil! E batia com a mão direita no peito. — Muito, muito te quero. Não brabo, não brabo! E, batendo na trouxa com uma pata para fazê-la soar, agregou, com as pupilas cintilantes e vagando por todo o seu rosto um sorriso glutão: — Muito bolacha!

Amespil voltava atrasado, mas não perdera seu tempo no caminho; havia feito o mais soldadescamente humano: saquear os mortos.

Fez-me chorar e, em meu íntimo, disse a mim mesmo: "O homem não é anjo nem demônio". Ah!, mas é um animal que tem insondáveis abismos de ternura.

Mais tarde, numa hora triste, não estando eu no batalhão — tudo é fenomenal sob as estrelas — Amespil desertou.

#### II

# JUAN PATIÑO

Juan Patiño era cordovês e negro. Negro retinto, descendente em linha reta de africanos. Pela estrutura de sua cara, devia vir da tribo que os traficantes de carne humana, quando existia o tráfico, chamavam de nação benguela.

Sua estatura era mediana, sua carapinha espessa, seus olhos redondos, um tanto saltados e mansos, seu nariz arrebitado; tinha os pômulos salientes, sinal infalível de coragem, os lábios não muito grossos e movia-se com uma indiferença, que quase raiava ao abandono de sua pessoa, como que dizendo à terra: "Ora! Que me importa? Podes tragar-me quando queiras."

A primeira vez que o vi foi no forte *Las Tunas*, quando recorria a fronteira com o general D. Emílio Mitre<sup>1</sup>, cujo nome sempre trago à colação, com explicável complacência, porque foi meu chefe e particular amigo; todavia o é, apesar de tantas tempestades, como as que temos enfrentado, bifurcando-nos somente as dissidências políticas. Bem haja a bússola do afeto, imantada pela estimação!

Ayala, comandante então, agora general, mandava aquele destacamento e a razão porque ali conheci, ao

<sup>&</sup>lt;sup>1</sup> Irmão do general Bartolomeu Mitre. Comandou as tropas aliadas em Boqueirão, lutou em Curupaiti, Humaitá e Angostura. Morreu em 1893.

passar, a um simples soldado, é muito simples, para que se veja que até o vício pode ser causa de notoriedade: esse soldado chamava a atenção por ser um insigne borracho.

Juan Patiño passava, com efeito, o melhor de seus dias nas vinhas do Senhor.

Disse, mais acima, que a primeira vez que o vi foi em *Las Tunas* e não o disse por dizer, mas sim exprofesso, porque só o conheci, e bem, depois. Esse *depois* foi quando, sobre a base do piquete comandado por Ayala, organizou-se o batalhão 12 de linha. Isso foi ao rebentar a célebre guerra do Paraguai.

Juan Patiño, sendo eu major — e o major é o argos e o sabichão do corpo — não podia escapar ao escrutínio da minha observação. Manejava perfeitamente o fuzil, marchava bem, era muito esperto como guerrilheiro e não tinha as tres pestes ou vícios do soldado: as mulheres, o jogo e a embriaguez, a não ser o último. De modo que Juan Patiño devia ser um homem mediocremente feliz, talvez feliz de um todo. As mulheres não o enganariam, estando livre, por conseguinte, do atroz tormento dos ciúmes, dessa paixão que costuma fazernos ferozes até a estupidez; e, não jogando, estava a salvo de cair nas baixezas da desonra. Mas, do que não estava a salvo era de que o metessem, um dia sim e outro não, pelo menos, em cana ou, como se diz na Espanha, en chirona².

Juan Patiño era incapaz de pensar em desertar; mas, (há de haver muitos mas na vida desse, para mim,

<sup>&</sup>lt;sup>2</sup> Em cana.

inolvidável negro), quando não estava preso o estavam buscando, porque a parte a respeito dele era sempre, infalivelmente, esta, na hora da revista: falta Juan Patiño...

Marchamos aos campos do Paraguai e João Patiño, que não era capaz de emendar-se, chegou a tornar-se molesto por suas borracheiras: era um mau exemplo, tinha que ser corrigido. Esgotei todos os meios coercitivos e outros... inútil!... Juan Patiño estava saturado até a medula dos ossos; o simples cheiro da aguardente o embriagava.

O pior de tudo, e isso não é mais que um modo de dizer, é que sua alma não podia abrigar ressentimento e que depois de um castigo duro, quando nos víamos, ele me olhava com uma carinha picaresca e risonha, em que eu lia perceptivelmente isto: — Meu major, castigue-me, no mais... mas, do trago não me há de curar.

Eu pensava: não posso matar esse negro; mas, e se o fizesse matar gloriosamente?... E digo matar, em vez de assustar, porque assustá-lo era impossível. Pode ser que tivesse medo das almas do outro mundo; mas, da morte... ria-se.

Um dia, ocorreu-me uma coisa e essa coisa se repetiu e se repetiu. Depois que se retiraram as guardas avançadas, que cessou o tiroteio das patrulhas, que nossa linha ficou em silêncio, e como o pobre negro, tendo faltado à chamada tinha que ser castigado, fiz que lhe dessem dez pacotes de cartuxos e, uma vez municiado, chamei-o e disse-lhe:

### — Vá tirotear os paraguaios. Entendeu?

Foi, avançou, armou um alvoroço de tiros, queimou todos os seus cartuchos, revolvendo o vespeiro até ser atacado por não sei quantos paraguaios, mas saiu ileso. E, o mais lindo de tudo é que, quando regressou ao reduto, já estava *in trinquis*<sup>3</sup>. Como? Eis aí o problema. Ele achava cachaça até debaixo da terra. Era uma diversão que tinha suas dificuldades, mas Juan Patiño não esteve nunca, jamais, enfermo, nem nunca, jamais, foi ferido, nem sequer morreu no assalto de Curupaiti; tinha sete vidas como o gato. Era invulnerável.

Juan Patiño recebeu baixa, tendo cumprido seu compromisso, mas não sei por que incongruência ou nigromancia, como dizia o velho general Paunero<sup>4</sup>, sempre reaparecia por onde eu andava...

Avellaneda<sup>5</sup> me havia mandado a Córdova como Intendente Militar e lá desfraldei bandeira de recrutamento. Eu morava na rua de São Jerônimo. Uma manhã, ouço uma discussão na porta, com meus assistentes.

- E... por que não hei de dentrar? dizia. Sim, hei de dentrar.
  - Não, nada de entrar. Vá embora, amigo...

No trago.

<sup>5</sup> Nicolau Avellaneda (1837-1885). Estadista argentino, foi presidente da Repúbli-

ca entre 1874 e 1880.

<sup>&</sup>lt;sup>4</sup> Wenceslau Paunero (1805-1871). Ao rebentar a Guerra do Paraguai, comandava o 1º Corpo de Exército e retomou Corrientes. Foi embaixador no Brasil durante a presidência de Sarmiento. Faleceu no Rio de Janeiro.

#### — Não vou nada.

Nesse momento reconheci, do meu escritório, a voz avinhada de Juan Patiño. E como não gritar: — Deixem que entre!

Vocês hão de imaginar, sem dúvida, que exagero. Pois sou pálido, falta-me eloquência para contar as aventuras desse bípede extraordinário! Sua vida militar foi de puros milagres.

Leiam vocês.

Uma noite — era no acampamento de Tuiuti — tendo eu uma perna de carneiro, não muito magra, o-correu-me convidar alguns camaradas para cear, entre eles o malogrado Maxímio Alcorta, José Inácio Garmendia<sup>6</sup>, Eduardo Dimet e outros...

Sentamos à mesa e, apenas ficamos à vontade, rebenta um foguete a Congreve<sup>7</sup> que nos mandavam os paraguaios, e outro, e mais outro. Grande esparramo. Os convidados se dispersam entre meus brados de: — A formar! A formar! Rápido, rapazes!

Em meio àquela bela desordem, Maxímio, Garmendia, Dimet e os outros, que, fora de hora e contra as ordens, estavam fora de seu campo, na vanguarda, dão no pé em tropel, saltando como gamos a pequena ponte levadiça, dizendo-me: — Até amanhã, passe bem! — Adeus, adeus! — respondi, e sumiram.

Foguete inventado pelo general inglês William Congreve (1772-1828). Utilizado

pelos ingleses contra Bolonha em 1806.

<sup>&</sup>lt;sup>6</sup> José I. Garmendia (1842-1925). Sufocou, posteriormente, as rebeliões de Lopez Jordan, em Entre Rios. Escreveu Recuerdos de la Guerra del Paraguai, Campaña de Humaitá e Pasaje del río Paraná.

Quando o batalhão esteve pronto, e o esteve num instante, lembrei-me da perna de carneiro, intacta no momento de estalarem os foguetes e disse a Carmen Bustamante, meu tamborzinho de ordens, ferido aos doze anos sobre as trincheiras de Curupaiti:

- Anda, traz-me a perna de carneiro que está na minha barraca.
- Senhor respondeu-me a afanaram. O capitão Garmendia a levava na mão.
- Ladrões! exclamei, varado de fome e logrado.
   Amanhã eles me pagam!
  - Flanco direito! Fileiras à direita, marchem!

Saí na surdina com o batalhão...

O céu estava nublado. Não havia mais luz que a da fuzilaria. Só se ouviam tiros. A terra tremia.

Uma coluna de cavalaria inimiga recorria a frente de nossa linha em violento galope, terrível, como um açoite...

Todas as minhas sentinelas avançadas estavam de pé, em seus postos, vigilantes, menos Juan Patiño. Prisioneiro, pensei. Esta não estava nos seu livros. Amarrei a cara e fiquei triste.

Ouando clareou, mandei reconhecer a frente.

Dois mil ginetes haviam passado por cima de um homem! O casco de nenhum cavalo o havia tocado!

Ele dormia como uma pedra. A seu lado estava o corpo de delito. Era um cantil paraguaio, com restos de uma aguardente, que não tinha o gosto de vitríolo líquido da que os nossos soldados bebiam. Troféu provavelmente perdido pelo inimigo, em seu reconhecimento da manhã, e o homem...Juan Patiño.

Garmendia está vivo e não me desmentirá, assim como não cometerá a imprudência de dizer que não teve a má intenção de me roubar a perna de carneiro; ou isso não foi roubo?

Juan Patiño entrou.

Estava, como de costume, alegre que dava gosto. E a que vinha? A alistar-se. Soltei uma gargalhada. Ele também riu.

— Mas Juan — lhe disse— estás muito velho; já não serves para nada, homem! E dizendo isso, meti a mão na algibeira para untar-lhe as suas com alguns bolivianos.

Cambaleou, endireitou-se e babando, bateu-me continência como se estivesse sóbrio. Não articulou uma palavra, mas todo ele dizia: com que então não sirvo para nada?

— Vais me dar muito trabalho, Juan...

Olhou-me carinhosamente.

Dei-me por vencido e disse-lhe: — Bem; mas olha que já tens cabelos brancos, vê se tomas juízo.

Li em seus olhos que faria tudo, menos renunciar ao culto de Baco. Mas, eu já havia dito que sim.

Por outra parte, há borrachos e borrachos, e aquela orgia ambulante em toda a sua vida não havia feito mal a ninguém, por isso tinha, sem dúvida, uma Providência à parte. Outros, e brancos, com vícios menos visíveis, são répteis sociais venenosos.

Mandei chamar o comandante Olímpides Pereyra e lhe dei as minhas ordens. Foram estas:

— Aliste esse homem. É um bom soldado. Dê-lhe seu primeiro soldo, aos poucos, todos os domingos e saída livre sempre.

Juan Patiño vivia como havia vivido: ébrio, faltando à revista ou preso; mas, quando não estava mal da cabeça, era um modelo. Um dia me disseram: Juan Patiño desertou.

- Impossível! Procurem-no!

Mandaram-se patrulhas.

Passando uma delas por um milharal, ouviram vozes que saíam das entranhas da terra. Procuraram e acharam.

Juan Patiño havia caído em um poço sem parapeito e a água lhe chegava quase à boca, mas permitia-lhe vociferar: "Poço disso e daquilo, que não serves nem para que se afogue um pobre negro calaveira!" Tiraramno todo ensopado, todo pisado, sendo que a água havia

feito seu efeito de reativo, meio que curando-o das contusões da borracheira.

Eu deixei de ser Intendente Militar e o Ministério da Guerra ordenou que fossem remetidos a Buenos Aires todos os alistados que, por diversas razões, haviam ficado em Córdova.

Não me recordo que rumo militar ou político tomei. O certo é que um belo dia, entrando na Casa Rosada, o sentinela que passeava pela calçada se deteve e, levando ao ombro sua arma, saudou-me como só os veteranos consumados sabem fazê-lo. Era Juan Patiño.

#### — Juan! Você aqui?

E ele, piscando-me o olho, respondeu com inocente malícia, por mais que essas duas palavras pareçam divorciadas: — E de artilheiro!

Aquela observação zombeteira valia por todo um informe técnico sobre o modo de recrutar e destinar nossos soldados. E, no entanto, com esses elementos, e assim, o nosso exército fez e voltará a fazer proezas.

#### Lástima que se vão acabando os negros!

A ver: quantos brancos, que jamais se emborracharam, tiveram melhores sentimentos que Juan Patiño? Quem se fez querer mais do que ele? Quem, no trago, a meia guampa ou não, foi mais desprendido que ele?

#### Que fim terá levado?

É pecado fomentar o vício; mas, se eu soubesse onde está o meu negro, já que dele me lembrei, lhe enviaria alguns pesos para que os chupasse. Que quereis? Sou como me fizeram e não é hora de emendar-me.

Estou seguro de que se Juan Patiño vive e deixou de beber, deve de ter se apaixonado. Chassez le naturel il revient au galop: o amor é outro gênero de embriaguez; ambos fazem perder a cabeça. Tanto vale embebedar-se com aguardente, como com carícias de mulher. Fugi delas mancebos; vos falo em nome da minha experiência pessoal. Mas, que... tempo perdido. Shakespeare disse: Man is like a cat that always makes a dirt in the same\_place; o que, traduzido pulcramente, quer dizer que o homem é persistente nos maus hábitos, como o gato.

Bom proveito.

E meu negro?

Ah! Juan. Se não abandonaste teu vício, não o troques pelo outro: rirás menos, chorarás mais e, igual, cambalearás e cairás.

#### III

### A EMBOSCADA

As linhas entrincheiradas dos paraguaios ficavam muito perto de onde eu estava acampado com meu batalhão, fazendo um serviço de avançada permanente.

Ali, ao inverso do que acontecia em Tuiuti, o 12 de linha cobria e vigiava o flanco esquerdo do exército. Faltava-nos somente a guerrilha franca de Ayala, tão hábil para bater-se em ordem aberta, como sereno quando se tratava de "fincar pé", em cerrar filas. Em vez dela — quanto sentíamos sua falta! — ainda que só nos permitisse dormir com um olho fechado, tínhamos um estero estreito, pouco profundo e traidor, cheio de plantas aquáticas emaranhadas, que faziam difícil e perigosa sua vigilância sendo, como eram, esconderijo seguro.

O tal estero arrancava da direita do inimigo, o envolvia, serpenteava e depois corria para fundo, ou seja a retaguarda, sempre pela nossa esquerda. Quando chovia muito, desbordava; mas, geralmente, tinha trechos acessíveis, formados por uma tira de terra firme, paralela a seu curso, à qual a tropa chamava de "albardão". Daquele lado, do lado de Tuiuti, o serviço de vigilância era diurno. De noite, as guarnições se retiravam; assim é que, todas as manhãs, havia guerrilhas, tão fortes às vezes, que eram verdadeiros combates.

Nós, brasileiros e argentinos, tínhamos que vencer e vencíamos sempre. É verdade que o inimigo não comprometia nunca muitas forças. Em duas palavras: todos os dias, ao raiar da aurora, era preciso disputar, palmo a palmo, o terreno abandonado na véspera, ao por do sol. Já se sabia que, ao amanhecer, tinha que haver tiros pela esquerda. Havia-se tornado um costume pelear por ali. Geralmente, a balaços, era a briosa cavalaria argentina ou rio-grandense que descia a ripa no inimigo. Esse, esfomeado, saía todas as noites de suas linhas para fuçar pelo terreno, ocupado por nós durante o dia, limpando-o de quantos restos deixavam nossos soldados, a tal ponto que nem os ossos pelados desprezavam. Como não estariam famélicos, se até nossas fezes podiam servir-lhes de alimento!

Às vezes, afanavam alguma chaleira, panela ou espeto, deixados de propósito por nossos soldados, calculando que, se no dia seguinte tinham que almoçar ali, não valia a pena carregar todos aqueles cacarecos para seus acampamentos.

A minha vigilância, como dá para perceber, tinha que ser grande durante a noite. Colocava, pois, ao longo do estero, no albardão, enquanto não havia luz, um cordão de sentinelas, distantes uns dos outros o bastante para que se ouvissem suas senhas: as palmadinhas de ordenança.

Assim deslizavam os dias, sem que se pudesse dizer nem que eram iguais, nem que se pareciam. As inquietudes eram no centro, no flanco direito do exército e em Tuiuti, tudo devido à topografia das respectivas posições. Isso não quer dizer que nós dormíssemos sobre um leito de rosas. Perigo grande não havia, mas estávamos muito perto e a imaginação nos trabalhava, fazendo-nos pensar numa possível surpresa.

De noite, ouviam-se no estero estranhos ruídos. Alguns viam fantasmas. Cada sentinela contava no dia seguinte, junto ao fogão, o que tinha visto e ouvido e o que não tinha visto nem ouvido.

Os exércitos estão cheios de lendas e é por isso que uma das coisas mais difíceis de escrever é a história de uma guerra. A curta distância, como disse o General Thoumas, os diferentes relatos de um mesmo feito, referido por várias testemunhas oculares, quase sempre são contraditórios. O soldado A havia visto um tigre entre o moital do estero; o soldado B um lampalágua¹; este, uma cascavel; aquele, um lobo; o outro, uma capivara e, vários, uma porção de cabeças humanas flutuando sobre as águas. Eram as almas de alguns paraguaios afogados no misterioso estero... diziam.

Eu recorria todas as noites, pessoalmente e só, o meu cordão de sentinelas, montando um petiço em pelo. Numa dessas noites, recordo que fazia muito frio e que o céu estava encapotado, peguei uma garrafa de canha e fui fazer o de costume. Sendo reconhecido, passei sem dificuldade pelo primeiro sentinela, calado, e assim, sucessivamente, cheguei até o último. Falei com ele de brincadeira, como era de meu estilo; dei-lhe de beber um bom trago, voltei sobre meus passos, fiz o mesmo com o outro sentinela e prossegui, taloneando duro o petiço, que era muito lerdo, pois não levava re-

<sup>&</sup>lt;sup>1</sup> Monstro fabuloso que seca os rios, bebendo-lhes a água.

benque, nem espada, nenhuma arma (!). Na guerra, a gente acaba por familiarizar-se com tudo, até com o perigo. É um jogo como qualquer outro. O valor mesmo costuma ser, mais que real, teatral.

Quando me achava na metade do intervalo entre um sentinela e outro, de repente e simultaneamente, ouvi um tiro de fuzil e um grito: os paraguaios! A escuridão era quase completa; havia-se levantado uma espessa névoa. Tiro aqui, tiro lá — os paraguaios! — nada mais de ouviu e tudo passou como um relâmpago...

Um momento depois, um grupo de sentinelas rodeava o meu petiço e como tudo havia ficado em profundo silêncio, não me ocorria o que podia ter sido aquilo.

Falo com os sentinelas, enquanto me apressava a fazer com um feixe de pasto seco, tendo fósforos na algibeira, uma tocha para iluminar um pouco o horizonte e, antes que estivesse pronta, chega outro sentinela que me tira das dúvidas.

Os paraguaios tinham vindo pelo estero, com água pelo nariz, como os anfíbios. Haviam ficado quietos, na espreita, frente a um de meus homens e, saindo de improviso, um instante depois de eu haver passado de regresso, por diante dele, de haver-lhe falado e dado de beber, o haviam materialmente roubado, fugindo para a outra banda do estero, onde, sem mais que passar, estavam salvos. Era um soldado catamarquense, chamado Ahumada.

Voltei ao acampamento, em que se havia produzido um pequeno alarme; mas, um momento depois de haver rendido os sentinelas, sem mais novidade, todo o mundo roncava. Ou vocês imaginam que nos exércitos, frente ao inimigo, porque se está perto dele, alguém se deita com a alma saindo pela boca e por isso não é possível pegar no sono? Não. Dorme-se perfeitamente, melhor que em cama macia. Os leitos duros têm essa virtude. Por outra parte, o soldado dorme a cavalo e até caminhando, com chuva ou sem chuva. O sono é, sem dúvida, despótico; mas é mais eficaz que gritar a um soldado que dorme depois de suas fadigas: — Ei! Levanta logo que aí esta o inimigo! — dizer-lhe: — Ei! Levanta logo, amigo, que o major está te chamando!

O temor da morte pode menos que a disciplina. Assim, os exércitos disciplinados se batem sempre bem. Por isso, já o disse noutra parte: o valor coletivo é a disciplina.

No dia seguinte, nos fogões, não se falava senão do catamarquense capturado pelos paraguaios e de minha escapada; e os soldados que diziam haver visto algumas vezes, sem serem acreditados, cabeças humanas flutuando no estero, murmuravam: "E no entanto, riam-se de nós. Não eram almas penadas as que andayam por aí. Pobre *nhô* fulano! Olha, que se levam o comandante, que barafunda!"

Racedo<sup>2</sup> era o meu major e eu tinha plena confiança nele. Já revelava então as duas qualidades de homem de

<sup>&</sup>lt;sup>2</sup> Eduardo Racedo (1843-1918). Chegou a general e governador de Entre Rios (1883-1886). Também foi ministro da Guerra e da Marinha nas presidências de Juarez Celman e Roque Sáenz Peña. Esta crônica foi dedicada a ele.

guerra que o distinguem: uma intrepidez serena e um olho seguro sobre o terreno, isto é, uma espécie de dupla visão para calcular, em presença do que está se passando, o que deve suceder. A mais da confiança que me inspiravam essas duas qualidades, nossas relações privadas eram cordiais. Podia, pois, sem inconveniente algum contar-lhe o quanto me contrariava a perda daquele sentinela, arrebatado daquele jeito, e o desejo que tinha de que os paraguaios caíssem, por sua vez, em uma armadilha minha. Falei com ele e tramamos a revanche.

Quem o teria observado? Não saberei dizer agora. Há em toda associação humana, sobretudo em um corpo militar, um olho anônimo a cuja perspicácia nada escapa. Mas, o fato é que um dia se disse: os paraguaios vêm *pilchar*<sup>3</sup> sempre que a lua nova os favorece. De fato era assim. Racedo o sabia. Ordenei-lhe que passasse à outra banda do estero e inspecionasse bem o terreno.

Assim o fez.

Escolheu um descampado circular, em cujo centro havia uma árvore corpulenta, de copa bem esparramada. Daquele anfiteatro, flanqueada de arbustos de todo gênero, partia uma senda que se alargava, à medida em que ia em direção do inimigo, formando a figura de um ângulo agudo ou triângulo, cuja base estava nas fortificações paraguaias. Ao pé dessa árvore resolvi que se colocasse uma mina.

Racedo colocou-a engenhosamente, indo com ele Maurício Mayer. Um fio a punha em comunicação com

<sup>&</sup>lt;sup>3</sup> Surrupiar. Em linguagem de quartel: "desapertar".

um quarto de carne que, ao que parece, pendia de um galho. De noite, a ilusão tinha que ser completa. O quarto de carne pareceria enganchado numa forquilha... O menor tirão para descê-lo era morte certa dos paraguaios, que estivessem agrupados ao redor da árvore.

A tropa, comandada por Racedo, a quem como major eu não deveria privar das honras da empresa, passava em silêncio a certa hora da noite, sem mais ruído que o inevitável para vadear o estero. Iam só com capote, uma companhia de cada vez, e não levavam cartuchos. À baioneta! devia ser o golpe, quando explodisse a mina... Nenhum paraguaio poderia escapar, se entrasse no círculo fatal.

Meus soldados, não, nossos soldados, estavam apostados de cócoras, entre as moitas, empunhando seus fuzis; Racedo e os oficiais, suas espadas. Não se ouvia mais que o canto das aves agourentas, o sussurro da brisa e o zumbido dos insetos rasteiros e voadores.

Os emboscados, silenciosos, levantavam os olhos para o céu, como que interrogando seus mistérios. As baionetas e as espadas brilhavam tanto como as estrelas. Cada qual apertava nervosamente suas armas e dizia em seu íntimo, contendo a respiração ao mais leve ruído: já vêm!

Que momentos aqueles!

#### and the state of the special Village and IV than a concess house when the

#### A MINA

Os senhores, cavalheiros, os que não conhecem os militares senão de vista ou de longe, em uma palavra, os que não os conhecem (ou conhecer de vista ou de longe é conhecer?), ignoram que o soldado é um homo duplex; que sob essa máscara que imprime rugas prematuras e esses galões, essa casaca, que obriga a caminhar de um modo que parece altaneiro, modo que chega a ser como uma segunda natureza, oculta-se tanta sensibilidade, tanta ternura, tanta bonomia e tanto sentimento estético, que há como para dar e emprestar a essa falange presunçosa, que julga tudo pelas exterioridades, que em toda a sua vida vai lá saber o que é idealismo!

Eu vi nos acampamentos, nas marchas, nas batalhas, cenas de amor, rasgos de ternura, atos generosos, como não vi nos salões, no lar, na sociedade. A vida pública, a vida doméstica, a vida íntima da grande família militar, quando nela se vive honradamente, aspirando, realiza na prática a poesia do dever.

Os exércitos refletem, assim, toda a civilização e toda a cultura do povo que os organiza. São mais ou menos disciplinados, mais ou menos instruídos ou técnicos, mais ou menos morais. Mas, sempre são uma escola em que o homem aprende a respeitar as virtudes fortes, a integridade e o desinteresse, a fidalguia e o valor... a abnegação. Mais ainda, os exércitos são uma espécie de associação de socorro mútuo, na qual "o teu e o meu" se confundem, na qual o altruísmo é a regra e o egoísmo a exceção. Porque, para dizer tudo de uma vez, a milícia não é mais que uma religião de homens armados.

Dentro dessa religião — ó poder da disciplina! — o homem é alternativamente irmão, filho e pai, segundo os progressos da carreira, e a aspiração de ascender não desperta na alma do soldado senão nobres estímulos, sendo excepcionais as invejas odiosas. Vede quanta beleza moral há nisto. A ordem do dia o declara, depois da batalha, "herói" e o promove, e quem ontem o comandava tem que obedecê-lo e o obedece e respeita; nada se altera.

Naturalmente, como em tudo o que é humano, há na família militar mesquinharias e misérias, desalentos e tristezas, e a injustiça costuma comover até à indignação. O elo parece exposto a romper-se. Mas, que! O dever, esse vínculo misterioso, cuja liga é a disciplina, o manterá intacto. "Marchai", dirá o que não reconheceu vossos méritos; "obedecei", e marchareis e obedecereis. E marchando e obedecendo, buscando a morte, achareis a imortalidade na memória de vossos concidadãos.

Na grande epopéia da humanidade, os primeiros foram sempre soldados. Então, como não amar e admirar o exército? Como não interessar-se por sua sorte? Como não anelar que a sua condição melhore a cada dia e que se o país progride, que ele progrida também? Não é ele que permanentemente mantém empunhada a bandeira da pátria? Como se é feliz sob as bandeiras! Os melhores dias de minha vida foram os passados no acampamento. Sou um pecador empedernido. Ali vivia

como um santo. Ali compreendi o povo-rei, essa glória que os romanos tanto amavam, essa causa de sua grandeza temporal, esse vicio que, como diz Santo Agostinho, domina vícios maiores.

Na época a que me refiro, Racedo era meu subalterno e isso — se quiserdes bem entender — será preciso que tenhais o incômodo de dar uma olhada retrospectiva na última *Causerie* que vos dirigi, denominado-a "A emboscada".

Racedo dormia e eu velava. Era preciso que ele descansasse porque, a certa hora, eu viria do quartelgeneral, onde passava longas horas falando... de tudo, e dirigindo-me à sua rede, lhe diria em voz baixa, movendo-o carinhosamente, para que não despertasse sobressaltado: — Racedo, já é hora!

Racedo, naquele tempo, tinha o sono leve, já que não era ministro, embora o tivesse sonhado. Era, porém, um sonâmbulo inconsciente porque, ainda que estivesse de pé, nunca estava acordado de um todo. Eu sabia disso, assim é que o sacudia bem, antes de dizer-lhe o que tinha que fazer.

Agora me recordo de algo muito cômico que se passou num domingo, não estando o oficial de serviço familiarizado com os fenômenos do sono do major.

Era a alvorada. Pedem-lhe as ordens. Fazia um frio dos diabos. As dá. Um momento depois, batendo os dentes, vai presidir a chamada e, vendo branquear a tropa entre as sombras do crepúsculo, pergunta:

- Que é isso meio branco que se vê?
- São as companhias.
- Como as companhias?
- Sim, senhor.
- Mas, quê! estão com uniforme de verão?
- Sim, senhor.
- Mas, quem ordenou isso? retrucou aborrecido.
  - O senhor.
  - Eu?! mas, quando?
- Faz um momento; quando lhe pedi as ordens, senhor.

#### Racedo compreendeu e respondeu:

 Bem, senhor oficial, outra vez, quando me pedir ordens, pedirá três vezes e só cumprirá a última.

A mina estava preparada, como já expliquei, mas os paraguaios não vinham. Viriam? Como sabê-lo! Quem espera, desespera e desesperávamos; mas era necessário passar todas as noites daquele lado do estero e Racedo passava com água pela cintura. Antes eu tinha que chegar, e chegava.

- Racedo!
- Eh!

- Já!
- Eh, eh!
- Já é hora... é meia-noite. E o movia e removia.
   E ele já estava de pé e me olhava.
  - Está acordado?
  - Eh!
  - Está acordado?

Franzia o cenho, como quando se expressa que se entende? Ainda não sei, porque não o via bem no escuro. Mas tinha meu indicativo e era quando cingia a espada e deixava de dar voltas maquinalmente.

#### Então lhe repetia:

- Pergunto-lhe se está desperto?
- Como não? Sim! Agora sim!
- Bem; como sempre, não? É meia-noite.

Ele ia aos postos e dava suas ordens, revezando-se as companhias.

Reinava um profundo silêncio. Não se ouvia, de tempo em tempo, mais que as palmadinhas dos sentinelas e um que outro rumor distante. Não se via mais que algum braseiro, meio tapado, dos corpos de guarda avançados, tanto em nosso campo como no do inimigo. Todo o mundo dormia.

Aqueles vultos cinzas desfilaram.

 Boa sorte! Muito silêncio! — lhes disse e fiquei na expectativa, cheio de emoção.

Passaram silenciosamente. Estavam do outro lado. Sentia que apartavam as moitas e com o pensamento os vi chegar e instalar-se ao redor da mina. Imaginai um círculo e um ponto no centro. O círculo é a tropa, o ponto é a mina. Mas é preciso imaginar algo mais: dois raios que se abrem, na medida em que se prolongam em direção ao inimigo. É o caminho, e não outro, por onde hão de vir os paraguaios. Ninguém fala. Todos sentem. Todos dizem: "aí vêm". O sangue redobra sua circulação; o coração late com mais força. A lua começa a deixar ver seu disco prateado e um fulgor tênue ilumina o quadro.

Os paraguaios de fato vêm. É um pelotão. Conforme avançam, entrando na senda para saquear, o pelotão se organiza e assume gradativamente a forma de um triângulo, de um funil, de uma cunha, como queirais, cujo vértice é a mina, ou seja o centro do círculo. Um cachorro os acompanha, fazendo com o olfato a descoberta. De quando em quando se detem e os paraguaios também. Fareja, estirando o rabo. Segue. Os paraguaios seguem. Chega e se detem uma vez mais, surpreso. Um soldado nosso está aí, na entrada do círculo. Chama o cão: "Psit! Psit! O bicho sacode o rabo e se lança à toda sobre o quarto de carne, que pende do fio que deve fazer a mina rebentar.

Momento solene.

O fuzil dispara.

A mina, umedecida pelos dias que fazia que estava carregada, falha.

Um tiro.

Uma saraivada de tiros dos diabos, que se cruzam, saindo de todos os pontos do círculo. Racedo se salva milagrosamente. Os paraguaios não entram no círculo e fogem. O resultado foi um morto e uma lição.

O morto é o cachorro.

A lição: que na guerra, as ordens devem ser sempre repetidas e deve-se estar seguro de que não falharão por esses mal-entendidos, que costumam resultar do convencimento que se tem de haver tomado todas as precauções.

As precauções eram, nesse caso, que não se passaria o estero com munições; que tudo havia de ser à arma branca. Mas a tropa, embora não levasse munições, tinha os fuzis carregados e quando ouviu-se o estouro do fuzil da mina, sem que ninguém mandasse "fogo", todo o mundo fez fogo e todo o mundo correu o mesmo perigo, pela formação em que se encontrava, e todos saíram, por sorte, ilesos, mas com esta convicção: que uma emboscada e uma mina não se devem eternizar. Acabam por ser uma corvéia.

As emboscadas e as minas só são boas quando não se repetem. Porque, como diz Cervantes: "Nunca segundas partes foram boas". Ao que há que acrescentar que se bem é certo, como diz o provérbio, que "o que não acontece em um ano, acontece em uma hora", não é

menos certo que não se pode estar emboscado um ano inteiro, esperando que rebente uma mina.

O inimigo não é um amante imprudente que chega na hora e no momento preciso, coûte qui coûte, haja ou não mouros na costa, ou um cão que dê o alarme. Chega quando menos se espera e quando se espera não chega. De modo que, na psicologia da guerra e dos combates, há o que chamo de intuição do momento. É um dom cerebral. Não se adquire. Nasce-se com ele. A experiência o desenvolve e quem o possui é, desde cedo, avaliado pela visão da multidão armada, distinguido por ela, e chega a ser Marcelo, ainda que como esse, depois de ter vencido a Aníbal, caia e morra numa emboscada.<sup>1</sup>

<sup>&</sup>lt;sup>1</sup> Ref. a Marcus Claudius Marcellus (c. 268-208 AC.), conquistador de Siracusa e vencedor de Aníbal na Segunda Guerra Púnica. Enaltecido por Tito Lívio, segundo alguns de forma exagerada. Era cognominado "a espada de Roma".

## JUAN PERETTI

Não se trata de um parente de Sixto V<sup>1</sup>. Mas, como o homem das muletas, o de agora não parecia o que era. Será uma particularidade dos Peretti parecer o que não são?

Estávamos em Tuiucuê. A colera havia passado, nossas fileiras haviam sido dizimadas e não vivíamos pensando senão em "receber altas".

Certo dia me destinaram um pelotão de alistados. Vinham do outro hemisfério. Compunha-se, em sua maior parte, de franceses e italianos. Os fiz formar em fila e comecei o consabido interrogatório. Como você se chama? Foi soldado? Quantos anos tem? De onde é? E outra infinidade de perguntas. Tenho alguma preocupação com a individualidade e fui sempre um pouco prolixo ao fazer essas averiguações.

Os alistados contestavam facilmente porque, sendo interrogados em sua própria língua, encontravam-se, até certo ponto, à vontade com aquele que, desde logo, compreendiam que ia ser seu chefe.

Por minha parte, devo dizer que estando todos eles em não muito florescente estado de saúde, por causa da

Nome de Batismo: F. Peretti (1521-1590). Papa reformador da cúria romana e notável administrador.



longa viagem e outras razões, me inspiravam algo mais que simpatia, verdadeira comiseração. Estavam tão fracos e tão magricelas quase todos! E tão sujos! Sua própria nostalgia transparecia visivelmente na languidez do olhar, mesmo dos que pareciam algo robustos e varonis.

Entre os mais esquálidos e decaídos, havia um que mais que estrutura de soldado tinha a de tísico, sendo, visivelmente, um candidato próximo para o outro mundo. Era de baixa estatura. Em sua terra, devia ter se livrado do serviço militar, por esse semifavor da natureza.

Olhei-o de alto a baixo e, com essa experiência que a prática dá, o medi e vi que não só não tinha a altura de regra na Europa, como a medida da circunferência do peito não alcançava a metade de sua altura, dizendo com meus botões: para o que é que *isso* serve?

- Juan Peretti diz você que se chama?
- Sim, senhor.
- E você diz que não foi soldado?
- Não, senhor.

Hum! Uma boca a mais, um enfermo a mais, um desertor a mais...

Bem — ordenei — vejam se esse homem serve para alguma coisa, assim que se cure. Porque o infeliz vinha, além do mais, com uma disenteria atroz.

Poucos dias foram necessários para averiguar e saber que Juan Peretti não servia, a não ser para varrer a quadra da sua companhia. Ele estava, no entanto, contente com sua sorte. Pelo menos era o que parecia, já que todas as madrugadas, quando o batalhão se movia para fazer o serviço de avançada, ele ficava sozinho com os doentes impossibilitados e não ia embora, não desertava.

O inexplicável não se explica e quando se explica só se explica mais ou menos; assim é que não posso explicar-me por que razão Juan Peretti era a primeira coisa que eu via sempre, indefectivelmente, ao voltar das avançadas a meu acampamento.

Seria, talvez, porque ele, vendo que o batalhão regressava, apressava-se a fingir que varria, com uma vassoura de piaçava, a quadra de cuja limpeza era o responsável? Ou sería porque, por mais chefes e oficiais que visse passar, nada o impressionava, fazendo com que saísse de seu andar taciturno e cabisbaixo, lento como o de um condenado ao patíbulo, que se sente gelado até a medula dos ossos?

Repito: Juan Peretti chamava a minha atenção e eu não sabia o porquê.

O corso e ricorso daquelas horas era inalterável: todos os dias, tiros pela direita, tiros pela esquerda, tiros pela frente, bombas dos paraguaios, às quais já ninguém fazia caso e, de quando em quando, um estampido surdo e um estremecimento ciclópeo da terra... um torpedo do inimigo, que havia rebentado nas águas do rio Paraguai, intentando fazer voar um encouraçado brasileiro. Essa era a nossa existência e, apesar de tudo, era uma existência feliz, porque não tínhamos mais que uma visão: a da pátria. Mas, pelo próprio fato de que servíamos à pátria, devíamos cuidar-nos um pouco, para melhor servi-la; de modo que uma vez de regresso das avançadas e assim que se ordenava romper filas, todo o mundo se mandava a seus colchões, ainda que esses colchões de colchões só tinham o nome. Mas "a boa gana não há pão duro" e aquelas camas rígidas nos pareciam macias, assim como a bolacha empedernida nos parecia pão de primeira.

Uma manhã, eu estava já pensando nas delícias da vida militar, pois acabava de deitar-me para descansar, quando ouvi um tiro de fuzil e, em seguida, um murmúrio de vozes que não pude discernir. Apurei o ouvido, esperei um instante impaciente de curiosidade e gritei:

— Oficial de guarda! Oficial de guarda!

Esse já estava vindo para dar-me conta do sucedido.

- Senhor: Juan Peretti acaba de matar o cabo Paredes.
  - Como? Juan Peretti? O tísico?
  - Sim, senhor.
  - Oh! Senhor oficial: saia já e vá averiguar bem.
- Meu comandante: asseguro-lhe que é certo o que digo.

- E... por quê?
- Isso ainda não se sabe.
- Bem. Que o ponham incomunicável imediatamente; que façam uma investigação sumária e você volte, o quanto antes, para contar-me o que houve.

Juan Peretti sonhava, talvez, com a pátria ausente, quando o batalhão voltava a seu arraial. O cabo o xingou porque não tinha varrido bem a quadra e, pegando no chão uma varinha de piaçava, com a qual se desse numa criança não a faria chorar, lhe aplicou uma varada na cabeça, dizendo-lhe: — Ô seu preguiçoso! Varra bem, limpe bem esta quadra, porco!

Juan Peretti obedeceu. Voltou a empunhar a vassoura e pôs-se a varrer com sua calma imperturbável, habitual...

Um momento depois, o cabo tomou seu fuzil, assegurou-se de que estava carregado e, em vez de guardálo em sua capa, colocou-o à direita de sua cama, ao mesmo tempo em que se agachava para entrar na barraca. Juan Peretti, enquanto o cabo entrava, dando-lne naturalmente as costas, tirava o fuzil, o engatilhava, aplicava-o em seus rins e o deixava estendido sem que dissesse sequer "ai!" Feito isso, voltou a colocá-lo no lugar e retomou seu passeio pela quadra, com sua nunca desmentida atitude de indiferença pela vida ou pela morte.

Contemporaneamente a esse acontecimento, havia tido lugar outro.

Entre os vários recrutados que o capitão Usandivaras, atualmente coronel, levou de Salta ao exército no Paraguai, ia uma espécie de mulato, exímio tambor, que foi parar no meu batalhão. Melhormente dizendo, um indiático, quadrado, maciço como um carvalho. Seus antecedentes eram péssimos. Que digo? Eram atrozes: era nada menos que um parricida.

Eu o olhava com horror, mas como a natureza humana é tão estranha, sua habilidade com as baquetas me reconciliava, até certo ponto, com ele.

Desertou. Prendi-o. Não disse nada a ninguém. Voltou a desertar. Voltei a prendê-lo. A deserção nos gangrenava e me calei outra vez.

— Mais esta! — lhe disse — se tornas a desertar e se torno a prender-te, não escaparás de quatro tiros.

O chiru desertou apesar de tudo e com circunstâncias agravantes: porque o fez com uma mulher, ( e havia de faltar uma mulher!), roubando uma porção de coisas. Apanhei-o e dei parte.

As duas causas se instruíam ao mesmo tempo. A de Peretti por homícidio aleivoso; a do tambor por deserção tripla. O General-em-Chefe do Exército era humano mas, dessa vez, eu estava seguro de que não exerceria a sua clemência.

O meu estado psicológico era este: o *chiru* me parecia um monstro, que era um dever eliminar da família humana. Peretti me produzia outro efeito. Eu me dizia: esta criatura, que nunca foi soldado em seu país; que se alistou, sabe-se lá se ele mesmo sabe por que; que não

prestou o mais mínimo dos serviços; que não tem feito nada a não ser comer e dormir; só Deus sabe o que terá sido lá na sua terra! Um homem nessas condições, que mata só porque lhe batem, não se vinga movido exclusivamente por um sentimento de dignidade pessoal. Não. Esse mata porque é assassino. E me engolfava nos mais intrincados problemas da psicologia e da antropologia.

Como não pertenço à escola que pretende que o crime é um atavismo, isto é, a ressurreição acidental de uma tendência habitual em nossos antepassados, mas sim uma tendência fenomenal da nossa natureza, concluía: a esse réptil o melhor é que o matem também.

De modo que não fazia nada, exercitando essa influência, que se compreende, para que a justiça militar saísse de seu leito ordinário: nem o *chiru*, nem Peretti me comoviam. O parricídio, o homicídio e a deserção — por mais humano que fosse, e creio que estou entre os que mais são — me faziam desejar, confesso, que aqueles dois abortos pagassem o tributo à fatalidade de seu abominável destino.

A causa foi levada a plenário, o conselho de guerra foi designado, reuniu-se, viu, decidiu e sua sentença foi confirmada.

O momento terrível chegou.

Um santo varão, o abade Crozes, diz, com essa eloqüência singela, que fere as fibras mais refratárias a toda sensação de piedade: "Ah! Vocês não sabem o que é assistir à morte aplicada tão friamente. Aqui não estamos no campo de batalha, onde em plena luz e meio do ruído e da exaltação geral, vem a morte acompanhada da glória. Ali, o próprio capelão pode permanecer insensível à morte, porque ele também experimenta o ardor dos sentimentos patrióticos e porque ele também comparte os perigos e o desprezo da morte... Mas aqui... tudo é uma carnificina."

Ah! Eu posso, parafrasendo o capelão da *Grande Roquette*, dizer que não há nada mais triste que uma pessoa passar pelas armas seus próprios soldados, ainda que sejam delinqüentes de crimes atrozes, como o eram o *chiru* e Juan Peretti.

Em quem pôr a culpa? Eu o havia querido. Não era eu mesmo quem havia denunciado o crime?

A lei militar é inexorável. Ela me ordenou presidir a execução e tive que comandar o pelotão. Que cena aquela! Estávamos tão perto das trincheiras inimigas! A olho nu via-se o que num e noutro campo se passava. Eu conhecia perfeitamente — e eles por sua vez me conheciam — os oficiais paraguaios com os quais tiroteávamos diariamente. Com meus demais companheiros de armas acontecia o mesmo.

O réus receberam os auxílios espirituais, esse derradeiro consolo dos condenados à última pena.

O capelão do exército, sem faltar a seus deveres sagrados, me comunicou o estado das vítimas. Inescrutáveis segredos da alma humana! Aquele que havia morto seu pai não podia consigo mesmo, tremia incontrolavelmente, como se estivesse febril. Peretti estava como quando varria a quadra de sua companhia, com a vassoura de piaçava!

Soava o tambor, desafinado. Os réus caminhavam e, visivelmente, notava-se que o parricida o fazia com pés de chumbo, como esperando suplícios que nunca acabariam numa vida ulterior, e o outro, como qualquer perverso que se vingou. Não descreverei com minuciosos detalhes os inauditos incidentes que se seguiram. Basta dizer que o parricida, de todos modos defendeu sua vida, por assim dizer, nem queria ficar de pé, nem que lhe vendassem os olhos: tudo era expediente para demorar o momento final, enganando-se a si mesmo, e que Peretti estava impertérrito. O parricida morreu covardemente. Juan Peretti morreu como um homem, sem pestanejar.

Se antes daqueles lutuosos fatos, os dois criminosos tivessem sido expostos ao público, para serem julgados por suas exterioridades, todo o mundo teria dito: o indiático morrerá valentemente e Juan Peretti, não.

As aparências enganam.

Não se deve julgar os homens por seu volume ou sua altura. Corpos colossais, que vendem saúde, podem ocultar almas pequeninas; corpos pequenos, enfermiços, corações varonis.

# ROMERO

"...Una sola vez pidió el enfermo un facultativo, pero lo respondió su huéspeda, suavizando consoladoramente:

- Miusté que Dios! Para qué quiusté méico, maldita la falta que hace..."

Miguel de los Santos Álvarez

Não vou falar a vocês de nada que tenha odor aromático e agradável, nem sabor acre e permanente.1 Previno desde o princípio, para que não se me acuse de artificioso ou de apelar a recursos e mecanismos literários: velhas artimanhas que, em vez de despertar e entreter a curiosidade do leitor, o incomodam e aborrecem.

Vou falar-lhes de um soldado, de um veterano, que militou vários anos sob minhas ordens e não dessa planta que em nosso baile popular cantam assim: Verde es el romero, caramba!, cuando está en botón/ pero en floreciendo, caramba!, morada es la flor.2

<sup>2</sup> Verde é o alecrim, caramba! quando está em botão/ mas florescendo, caramba!

roxa é a flor.

Associação do nome próprio Romero ao arbusto "romero". Em português: "alecrim" (Rosmarinus officinalis).

Se outro título me tivesse ocorrido, é claro que de outra maneira teria começado ou o título não dá a pauta?

E não me digam que é fácil achar um título: conheço mais de quatro autores que não publicaram suas obras por não saber como denominá-las. Conheço outros, cujas obras tiveram mau êxito, nada mais que por não haverem acertado na bola ao começar, escolhendo uma epígrafe que chamasse a atenção. Acrescentarei que há, também, autores afortunados, que se fizeram, se fazem e se farão ler nada mais que pelo título de suas obras.

Romero era infante e, a mais da servidão de seu ofício, tinha a hipoteca de uma mulher, que não era própria e o legado de um filho que era alheio; e, por acréscimo, um cão, um mastim do país, mui velhaco, que me dava muita raiva: primeiro, porque era cão — vocês conhecem minhas manias e contradições a respeito desse vivíparo carnívoro — segundo, porque à sua velhacaria agregava-se o fato de que era um inútil, que não sabia outra coisa a não ser brigar, que não tinha nenhuma graça, a não ser que fosse a de ser muito brabo, o que a mim não fazia nenhuma. Na minha fatuidade de chefe, parecia-me que até o cão me devia respeitar e temer. E nada! Era eu que o respeitava e temia. Quantas vezes não me desviou do caminho com só mostrar-me os dentes...

Naturalmente, ninguém estava a par desta confidência. Se agora conto essas coisas é porque assim como chega um dia em que "o homem ama e a mulher esquece", também chega outro em que a gente se resolve a confessar suas fraquezas... com os... animais. Estávamos na pior parte da guerra do Paraguai. Já haviam ocorrido as célebres batalhas, mais ou menos cruentas, sempre gloriosas, em que nossos soldados deram tantas demonstrações de fortaleza e valor.

O exército havia assentado seu reais em Tuiucuê, dizimado pelo famoso assalto de Curupaiti, e as pestes o flagelavam duramente. O cólera fazia seus estragos, como também o faziam as febres perniciosas, entre elas a amarela. Não sei com qual ficar. Em matéria de enfermidades é difícil a eleição. Se me visse, no entanto, muito apurado para optar, optaria pela febre amarela. É menos caprichosa, menos instantânea que o cólera, que da noite para o dia prostra e impossibilita a todo um regimento, sem respeitar sequer os cães, como de outra feita já o disse.

Romero era muito vigoroso, muito valente, muito sofrido e muito subordinado. As poucas vezes que adoecia era de manha ou porque a mulher o fazia rabiar, caso freqüente. Mas, dessa vez, adoeceu de verdade e depois dele a mulher e, junto com os dois, o cachorro. Esse morreu e a mulher também, resistindo unicamente o filho, que não adoeceu de nada, que seguia comendo como uma frieira, com essa *nonchalance* dos *lazzaroni* ou dos moleques de rua, mesmo em meio à devastação do lar, como se para eles a alegria e vida estejam na barriga, e tendo o que comer — que penas hão de ter?

A mulher e o cão foram enterrados e eu tinha a ilusão de que Romero não o seria, quando o médico que assistia à minha tropa, ao dar-me conta do estado dos enfermos, disse-me: não há mais nada que fazer com esse homem, é caso perdido, questão de horas. Romero ficou, pois, literalmente abandonado a seu destino; e digo abandonado, porque nos exércitos costuma chegar um momento — o das pestes — em que não há sequer enfermeiros de pé, os sãos mal dando conta do serviço de cuidá-los e de cozinhar para eles.

Eu vi, como todos vocês que tenham chegado à minha idade, que é a de Ricardo Palma<sup>3</sup>, (podem averiguála dirigindo-se a ele), coisas horríveis, mas nada mais espantoso que o cólera num exército.

Nas cidades, nos centros povoados, grandes ou pequenos, não há — salvo o caso de um sítio — a dupla preocupação com o inimigo e com a peste. Na falta da família, dos amigos, da autoridades, há essa segunda Providência, que se chama "Assistência Pública" e sobretudo a Caridade. Nos exércitos não há mais que a indiferença, o abandono, o estoicismo. Em um combate, o espetáculo dos feridos, dos mortos, do sangue, dos membros mutilados, do canhão que troa, das balas que sibilam, dos clarins, da música e o cheiro da pólvora que embriaga, sobreexcitam, exasperam, distraem, e um esquece de si mesmo, não pensa senão em matar e vencer. Isso é um combate. No acampamento, o egoísmo se impõe.

Peleando é-se altruísta, por assim dizer. Vai-se, corre-se, chega-se e, sabre na mão, salva-se um companheiro; o braço tudo decide e, contando com ele, pode-se confiar em sua iniciativa e na espontaneidade generosa. Mas, que fazer com um colérico?

<sup>&</sup>lt;sup>3</sup> Escritor peruano (1833-1919). Em ua obra mais famosa, *Tradiciones peruanas*, alterna a linguagem popular com a castiça.

## Que quadros aqueles!

Com razão, os poucos oficiais que podiam dispor de um momento, fugiam do acampamento como loucos, buscando outra atmosfera, outro ambiente.

Abandonado Romero à sua sorte, nem pensar em que o médico voltasse a visitá-lo. Estava sentenciado. E aquele Corpo Médico exemplar, do exército no Paraguai, que tinha facultativos como Bedoya<sup>4</sup>, como Molina<sup>5</sup> e outros não menos meritórios, que já não existem, por mais que se multiplicasse, não dava conta e não podia, por conseguinte, distrair em visitas inúteis, os elementos chamados a assistir aos desgraçados que, fulminados pelo flagelo, apresentavam alguns sintomas de salvação.

Quaisquer que sejam as causas e me parece que as conheço, o fato é que sempre tive um certo ímã para a tropa. Era carinho, era respeito, era temor? Não sei. O único que aqui posso dizer é que os soldados acorriam

<sup>5</sup> Dr. Caupolicán Molina (1833-1871). Segundo anista de Medicina, devido às lutas internas da Argentina, foi incorporado à tropa em três ocasiões, de modo que só veio a receber seu diploma aos 27 anos. Atuou, sempre nas fileiras, nas campanhas da fronteira com os índios. Ao iniciar a campanha do Paraguai já era Cirurgião Principal do Exército. Sua atuação mereceu honrosa felicitação de

Osório.

<sup>&</sup>lt;sup>4</sup> Dr. Joaquim Diaz de Bedoya (1831-1880). Graduado em medicina e cirurgia em Paris. Regressa a Salta, sua província natal em 1856. Foi deputado nacional em 1862. Em 1865 regressa a Paris para estudos de aperfeiçoamento Ao saber da participação argentina na Guerra do Paraguai, regressa à pátria e se incorpora ao exército em operações como Cirurgião Principal, sendo promovido depois a Cirurgião Mor e só regressando a Buenos Aires com os últimos batalhões da Guarda Nacional. Em carta ao Vice-Presidente Marcos Paz (10/02/1866),o generalíssimo Bartolomeu Mitre a ele se refere: "O doutor Bedoya, infatigável e cheio de abnegação, passou duas noites atendendo a todos, fazendo-se cada vez mais credor da estima que o Exército lhe professa e que tão merecida tem do país por tantos títulos". (Ap. Miguel Ángel de Marco, in. La Guerra del Paraguay, p.176. Bs. As.: Planeta, 1995).

sempre a mim, em seus grandes apuros. Eu era, como se costuma dizer, seu muro de lamentações. Dava-lhes com que pagar suas dívidas; ajeitava os rolos com suas amantes e meio que os ajeitava com suas mulheres, porque o casamento é como um mau relógio: uma vez estragado, não volta nunca mais a funcionar bem.

Romero, vendo-se desvalido, sem sua mulher, sem seu cão — a saúde resistente daquele filho que não era seu, talvez o irritasse — chamou o cabo de seu esquadrão e, entre a vida e a morte, pediu-lhe que me chamasse.

O cabo foi e me disse:

— Senhor, Romero pede-lhe o favor de ir vê-lo.

Fui; entrei na barraca me agachando. Ali estava o seu cadáver, porque o que sobrava de vida ao pobre, não me permite dizer: ali estava ele. Olhou-me com olhos agonizantes. Todavia restavam-lhe alguns fluídos vitais, como para permitir-lhe contrair certos músculos e deixar transparecer algo como um sorriso de agradecimento, vendo-me incontinenti à sua cabeceira.

- Que é que há, amigo? Que quer? disse-lhe, com esse tom áspero, breve e seco do ofício, que raramente é o nosso próprio, mas sim uma máscara imposta pela disciplina.
- Comandante respondeu ele, fazendo um grande esforço — hoje não me passaram visita. Parece que já não sirvo para nada, e o médico andou por aí...

- Eh, amigo! se o médico não lhe passou visita, será porque não é necessário.
  - E então, como vou me curar, senhor?

Olhei-o fixamente. Pareceu-me atroz o que ia fazer... desenganá-lo. Contive-me e prossegui:

- Se tu não necessitas de médico! (Tratava-o de tu e você, alternadamente).
  - Então, vou morrer!

E esse homem, que eu havia tantas vezes visto afrontar a morte com intrepidez, a quem me parecia que viver era indiferente, apresentou-se-me, como quase todos nós, na hora suprema, agarrado com unhas e dentes à vida, decidido a padecer e padecer, prostrado em um leito duro e fétido, nauseabundo, e disposto a tudo, menos à eterna viagem, em meio de suas próprias imundícies, vômitos e matérias fecais, que me desmaiavam, sob aquele calor tórrido, infernal, do Paraguai.

Aberrações da natureza humana! Vendo-o com tanta gana de viver, em vez de lástima me inspirou outro sentimento e lhe disse:

- Romero, homem! nós somos homens e não devemos andar com voltas. Tu sabes que sempre te ajudei e sempre digo a verdade. O médico me disse que contigo não havia nada que fazer.
- Será possível!? exclamou, com um acento de vivo, e me olhou com uns olhos de são, iluminando-se tetricamente seu rosto cadavérico.

## — E quê! Agora andas com medos?

Não respondeu, mas olhou-me como que dizendo: uma coisa é morrer com as armas na mão, fazendo fogo, defendendo-se, matando, e outra é morrer assim, no chão, inerme, lutando contra um inimigo que não se vê, mas cuja mão mortífera se sente...

— Se o médico já disse — prossegui, agarrando-lhe efusivamente as mãos já hirtas e arrepiando-me ao sentir aquele contato glacial... — deves pôr-te de bem com Deus...

E até onde é possível penetrar nos escaninhos insondáveis da alma humana, eu penetrei, através do lânguido olhar do moribundo, no fundo de sua consciência e surpreendi esse pensamento de céptico: Deus como Providência, não deve existir, posto que assim me abandona.

Era necessário acabar com aquele colóquio dilacerante. Finalmente, disse-lhe:

— Veja, amigo, o que deseja. Eu já me vou.

Houve uma pausa...

- Os meus soldos, para minha mãe. É uma velhinha que vive lá por Barracas.
  - Adeus!
  - Adeus, meu comandante.

E quando voltava a me agachar, para sair daquele recinto estreito e pestilencial, Romero ainda me disse:

### - Meu Comandante...

Dei meia volta e perguntei, já com certa impaciência:

- -Que?
- Me mandará o médico... não?

E sorriu, se isso é sorrir.

— O médico...

E foi seu último sorriso, um sarcasmo de sorriso.

Vocês já viram, num sonho fantástico, uma múmia sorrir? Aquele foi seu sorriso.

— Mas para quê, Romero? Por Deus!

Eu pensei: "para qué quiusté méico, maldita la falta que hace", que é como diz Miguel Santos<sup>6</sup> no texto. Mas, Romero não era de minha opinião e, no último estertor da agonia, pensou e me disse: — Ao menos para que me console, meu comandante.

Sócrates, como vocês sabem, dizia: "eu não sei mais que uma pequena ciência: o amor". Este era, para Platão, que não tinha a ironia habitual de Sócrates, toda a

<sup>&</sup>lt;sup>6</sup> Miguel de los Santos Álvarez (1818-1892). Escritor espanhol pertencente ao Romantismo. Foi ministro plenipotenciário no México. Pertenceu à famosa tertúlia El Parnasillo, que se reunia no Café del Príncipe, à Praça de Santa Ana, em Madrid. Mesonero Romanos descreve com todas as tintas, em Memorias de un setentón, suas reuniões. Colaborador de várias revistas e poeta lírico do chamado "romantismo decadente", destacou-se mais na prosa, misturando humor negro e paródia como no conto El esqueleto vivo e na novela curta La protección de un sastre. Seu Tentativas literarias: cuentos en prosa (Madrid, 1864) teve várias reedições ampliadas.

ciência. E como vocês também sabem, desenvolvendo in extenso sua tese no Banquete, disse: "então intervém a Medicina, que restabelece a concórdia entre os elementos mais opostos e lhes inspira um amor mútuo. A Medicina é, pois, a ciência do amor, nos corpos; assim como a ciência do amor, em matéria de ritmo e harmonia, é a Música".

Bela teoria do amor, não? Eu, porém, prefiro ser confessor, não médico, porque é mais fácil salvar a alma que o corpo, quando este está condenado. Para um, basta crer; para o outro, é preciso ver... fazer um milagre.

## VII

# O CABO GOMEZ

Já era tarde quando chegamos à Laguna Alegre. Estavam as cavalgaduras tão fatigadas, de quatro léguas mais ou menos de marcha noturna, pela escuridão e no meio da água, que resolvi fazer uma parada, esperando que desanuviasse o céu ou saísse a lua.

Acampamos e o fogão não tardou a brilhar, fazendo-se uma roda em torno dele, de todos os que me acompanhavam.

Entre mate e mate, cada qual contou uma história mais ou menos soporífera.

Pensávamos em tudo, menos nos índios.

Eu contei a minha e um tal cabo Gomez, morto na gloriosa guerra do Paraguai, foi o assunto do meu conto.

Tem algo de fantástico e maravilhoso. Se amanhã estiveres de bom humor e não te fores enjoando das digressões, nem te urge chegar a Leubucó, te contarei.<sup>1</sup>

000

<sup>&</sup>lt;sup>1</sup> Mansilla em "Una excursión...", em seu tom coloquial e epistolar, dirige-se ao amigo, o engenheiro chileno Santiago Arcos, homem culto e grande conhecedor da Argentina, amigo também de Sarmiento e Emilio Mitre.

Depois da fadiga, o fogão é a delícia do pobre soldado. Ao redor de seus resplendores desaparecem as hierarquias militares. Chefes superiores e oficiais subalternos conversam fraternalmente e riem à vontade. Até os assistentes que cozinham o puchero e o assado, como os que servem o mate, metem, de vez em quando, a sua colher na conversa geral, apoiando ou contradizendo alguma agudeza ou alguma patacoada.

Quando Calixto Oyarzábal, deixou a palavra, com sentimento dos que o escutavam, pois é um malandro de carteirinha, capaz de fazer um inglês rir a gargalhadas, os circunstantes pediram a minha historinha.

Eu estava de bom humor e assim foi que, depois de dirigir algumas brincadeiras a Calixto, que com seu ar de sonso estudado já fez uma revolução nas províncias, para que vejas o que é este país, tomei por meu turno a palavra.

Esta história me permitirás que a dedique a um amigo meu, que fez a guerra no Paraguai como oficial da Guarda Nacional. Chama-se Eduardo Dimet, e como o estimo, me permitirás igualmente que não te faça a pintura de seu caráter e de suas qualidades, porque as cores da paleta do carinho são sempre lisonjeiras e suspeitosas.

Vou à minha história.

O cabo Gomez era um correntino que ficou em Buenos Aires, quando da primeira invasão de Urquiza, que deu por terra com a ditadura de Rosas. Teria Gomez assim como uns trinta e cinco anos. Era alto, fornido e balançava com certa graça ao caminhar. Sua tez era entre branca e amarela, tinha esse tom peculiar às raças tropicais. Falava com sotaque guaranítico, misturando, como é costume entre os correntinos e paraguaios vulgares, a segunda e a terceira pessoa. Em uma palavra, era um tipo varonil e simpático.

Gomez marchou para a guerra do Paraguai, no primeiro batalhão do primeiro regimento da Guarda Nacional, que saiu de Buenos Aires, se bem me lembro, sob as ordens do comandante Cobo e pertenceu à companhia de granadeiros. O capitão dessa era outro amigo meu, José Ignacio Garmendia<sup>2</sup>, que, depois de haver feito com distinção toda a campanha do Paraguai, anda agora por Entre Rios no comando de um batalhão.

Certo dia, lia-se na Ordem Geral do 2º Corpo de Exército do Paraguai, ao qual eu pertencia: "Destina-se, por insubordinação, pelo prazo de quatro anos, a um corpo de linha, o soldado da Guarda Nacional Manuel Gomez." Mais tarde, apresentou-se um oficial no reduto que eu comandava, guarnecido pelo batalhão 12, de linha, criado e disciplinado por mim, com esta ordem: "Venho entregar-lhe um reforço de pessoal". Chamei um ajudante e o reforço de pessoal foi recebido e conduzido ao Corpo da Guarda.

Logo que me desocupei de certos afazeres, fiz trazer à minha presença o novo recrutado, para conhecê-lo e interrogá-lo sobre a sua falta, admoestá-lo, enquadrá-

<sup>&</sup>lt;sup>2</sup> Vide n. 12.

lo e ver a que companhia devia ir. Era Gomez e, por seu talhe esbelto, foi para a companhia de granadeiros.

José Ignacio Garmendia comia frequentemente comigo no Paraguai, de modo que, depois da revista da tarde, sempre se achava em meu reduto, junto com outro amigo muito querido, dele e meu, Maxímio Alcorta; embora esse excelente camarada, que tanto se apaixona pelo belo sexo como pelo feio, tenha o raro e infeliz talento de recomendar, de vez em quando, às pessoas que mais estima, uns tipos que não tardam em mostrar seus maus instintos.

Coisas de Maxímio Alcorta!

Na mesma tarde que destinaram a Gomez, Garmendia comeu comigo.

Durante a charla da mesa — já que no acampamento um tronco de jataí³ chama-se assim — disse-me que Gomez havia sido cabo de sua companhia; que era um bom homem, de caráter humilde, subordinado, e que sua falta era efeito de uma borracheira. Acrescentou-me que quando Gomez se embriagava, perdia a cabeça, até o extremo de ficar frenético se fosse contrariado e que, nesse estado o melhor era tratá-lo com doçura; que assim era como ele havia feito, sempre com o melhor êxito. Em uma palavra, Garmendia o recomendou-me com essa veemência própria dos corações ardentes, como é o seu e, por isso, quantos o tratam com intimidade o estimam.

<sup>3</sup> Espécie de palmeira.

A figura varonil de Gomez e as recomendações de Garmendia predispuseram, desde logo, o meu ânimo em favor do novo recrutado e eu, por minha vez, o recomendei ao capitão da companhia de granadeiros, contando-lhe tudo o que me havia prevenido Garmendia.

O tempo correu...

Gomez cumpria estritamente as suas obrigações, circunspecto e calado, não se metia com ninguém, a ninguém incomodava. Os oficiais o estimavam e os soldados o respeitavam por seu porte. De vez em quando o buscavam, para puxá-lo pela língua e arrancar-lhe tal ou qual agudeza correntina.

Nesse tempo, eu era major e chefe interino do batalhão número 12. Todos os sábados, passava pessoalmente uma revista geral. Parece que estou vendo Gomez nas filas, perfilado como se fosse de chumbo, imóvel como uma estátua, sério, melancólico, com seu fuzil reluzente, com o correame lustroso, com todo o seu equipamento tão asseado que dava gosto.

Gómez não tardou em voltar a ser cabo.

Teriam passado cinco meses.

Um dia, eu estava passeando ao longo da sombra projetada pelo meu alojamento, que era uma linda carreta. Isso era no célebre acampamento de Tuiuti, lá pelo mês de agosto. Em que pensava, como sabê-lo agora! Pensaria no que amava ou na glória, que são os dois grandes pensamentos que dominam o soldado. Recordo apenas que, em uma das voltas que dei, uma voz co-

nhecida me tirou da abstração em que estava mergulhado.

Dei meia-volta e, como a uns seis passos na retaguarda, vi o cabo Gomez, quadrado, fazendo a saudação militar, dobrando-se para diante e para traz, para a direita e para a esquerda, ameaçando perder o seu centro de gravidade. Seus olhos brilhavam com um fogo como jamais havia visto.

No ato percebi que estava ébrio.

Era a primeira vez desde que havia entrado no batalhão.

Por delicadeza e pelas prevenções que Garmendia me havia passado, dirigi-lhe a palavra assim:

- Que quer, amigo?
- Aqui te venho a ver, tchê comandante, pa que me dês licença você.
  - E para que queres licença?
- Para ir a Itapiru visitar uma irmāzinha, que me veio da Esquina.<sup>4</sup>
  - Mas filho, se não estás bom da cabeça.
  - Não, tchê comandante, não tenho nada.
- Bem, então dentro de um momento te darei a licença, está certo?

<sup>&</sup>lt;sup>4</sup> Povoado da província de Corrientes.

## - Sim, sim.

Dizendo isso e fazendo um grande esforço para dar militarmente a meia-volta e bater a continência, Gomez girou sobre os calcanhares e retirou-se.

Passou esse dia, ou melhor dizendo, chegou a tarde e junto com ela Garmendia. Contei-lhe que Gomez se havia embriagado pela primeira vez e disse-me ele que devia ter sido para perder o medo de falar com o chefe, que quando estava em seu batalhão costumava proceder assim algumas vezes. Como ele e eu nos interessávamos pelo homem, de imediato passamos a averiguar quanto tempo fazia que estava ébrio quando falou comigo.

Chamei o capitão de granadeiros, fizemo-lhe várias perguntas e delas resultou exatamente o que me acabava de dizer Garmendia: que Gomez havia bebido para tomar coragem de chegar até mim. Começando pelo primeiro-sargento de sua companhia e acabando pelo capitão, a todos a quem devia havia pedido licença para falar comigo, estando em perfeito estado; do contrário, não a teriam concedido.

No dia seguinte a esse incidente, Gomez já estava bom da cabeça. Ia chamá-lo, mas entrava de guarda, conforme vi ao formar a parada e não quis fazê-lo. Terminado seu serviço, chamei-o e recordando-lhe que três dias antes me havia pedido uma licença, perguntei-lhe se já não a queria. Sua resposta foi calar-se e pôr-se vermelho de vergonha.

- Por quantos dias você quer licença, cabo?
- Por dois dias, meu comandante.
- Está bem. Pode ir e depois de amanhã, ao toque de reunir, esteja aqui.
  - Está bem, meu comandante.

Dizendo isso, saudou respeitosamente e, mais tarde, pôs-se em marcha para Itapiru. Dois dias após, quando tocavam reunir, o alegre reunir, o cabo Gomez entrava no reduto, de regresso da visita à irmã, bastante tragueado, carregado de tortas, queijo e charutos que não tardou em repartir com seus irmãos de armas.

Eu também tive minha parte, tocando-me um excelente queijo de Goya, que me mandava sua irmã, que eu não conhecia.

Não há no mundo nada melhor, mais puro, mais generoso que um soldado!

O tempo foi passando.

Marchamos dos campos de Tuyuti para os de Curuzu, para dar o famoso assalto a Curupaiti.

Chegou o memorável dia e, tarde já, meu batalhão recebeu ordem de avançar sobre as trincheiras.

Cumpriu-se com o ordenado.

Aquilo era um inferno de fogo. Quem não caía morto, caía ferido e quem sobrevivia a seus companheiros, contava a vida por minutos. De todas as partes cho-

viam balas e o que completava a grandeza daquele quadro solene e terrível de sangue, era que estávamos como envoltos em um trovão prolongado, porque as detonações dos canhões não cessavam.

Aos cinco minutos de estar o meu batalhão no fogo, suas perdas já eram sérias: muitos mortos e feridos jaziam envoltos no próprio sangue, intrepidamente derramado pela bandeira da pátria. Recorrendo de um extremo ao outro, achei o cabo Gomez, ferido numa perna, mas fazendo fogo ajoelhado.

- Retire-se, cabo disse-lhe.
- Não, meu comandante respondeu-me ainda estou bem; e seguiu carregando seu fuzil e eu o meu caminho.

Ao regressar da extrema direita do batalhão rumo à esquerda, voltei a passar por onde estava Gomez. Já não fazia fogo ajoelhado, mas sim deitado de bruços, porque acabava de receber um balaço na outra perna.

- Mas, cabo, retire-se, homem! É uma ordem!
- Quando o senhor se retirar, meu comandante, me retirarei — respondeu; e soltando um palavrão, acrescentou: — Paraguaios, agora vão ver! E ébrio com o cheiro de pólvora e sangue, fazia fogo e carregava o fuzil com a rapidez do raio, como se estivesse ileso.

Aquele homem era bravo e sereno como um leão.

Ordenei a alguns feridos leves, que se retiravam, que o tirassem dali e segui para a esquerda.

O assalto se prolongava... Indo eu com uma ordem, recebi um estilhaço de metralha num ombro e não voltei à fuzilaria da trincheira. Poucos minutos depois, o exército se retirava salpicado com o sangue de seus heróis, mas coberto de glória.

Para fazer o relatório, foi mister averiguar a sorte que havia cabido a cada um dos companheiros. Essa cerimônia militar é uma das mais tristes. É uma revista em que os vivos respondem pelos mortos, os sãos pelos feridos. Quem não sentiu oprimir-se o peito, depois de um combate, durante esse ato solene?

- Juan Paredes!
- Presente!
- Pedro Torres!
- Ferido!
- Luís Corro!
- Morto!

Ah! esse "morto!" faz um efeito que é preciso sentir para compreender toda a sua amargura.

Segundo a revista, que foi passada no 12 de linha pelo primeiro-tenente Juan Pencienati, o oficial de maior posto a regressar são e salvo do assalto de Curupaiti, e conforme outras averiguações que se fizeram, de acordo com a praxe, resultou que o cabo Gomez havia morrido e por morto foi dado.

Na vistoria que se mandou fazer nos hospitais de sangue, não foi achado o cabo Gomez. Para mim não cabia dúvida de que Gomez, se não estava morto, havia caído prisioneiro ferido. Os soldados diziam: — Não, senhor, o cabo Gomez foi morto. Nós o vimos caído de boca abaixo, ao nos retirarmos da trincheira com a bandeira.

Eu sentia a morte de todos os meus soldados como se sente a separação eterna de seres queridos. Mas confesso, de todos os soldados que sucumbiram nessa jornada, de lembrança imperecível, aquele cuja falta eu mais sentia era o cabo Gomez. A atitude desse homem obscuro, estendido de barriga, ferido nas duas pernas e fazendo fogo com o ardor sagrado do guerreiro, estava impressa em mim com caracteres indeléveis. Essa visão jamais se apagará de minha memória. Só perderei sua recordação quando os anos me fizerem tudo olvidar.

E, por hoje, termino aqui. Amanhã prosseguirei a minha história. Hoje te narrei, singelamente, a morte de um vivo. Amanhã te contarei a vida de um morto. Se o de hoje te interessou, o de amanhã também te interessará.

Foi assim que aconteceu aos que me escutavam à volta do fogão.



O exército voltou a ocupar suas posições de Tuiuti e meu batalhão seu antigo reduto.

Durante algum tempo, foi pão de cada dia conversar sobre o assalto de Curupaiti, ora para fazer sua crítica, ora para recordar os heróis que caíram mortalmente feridos, naquele dia de luto.

Com o passar do tempo, novos combates, outros perigos, iam fazendo olvidar as nobre vítimas. Somente persistia no espírito a recordação dos prediletos, esses prediletos do coração, cujas imagens queridas nem a dor, nem a alegria desvanecem.

De quando em quando, os hospitais de Itapiru, de Corrientes e de Buenos Aires nos remetiam pelotões de valentes, curados de suas gloriosas e mortais feridas. A humanidade e a ciência faziam, nessa época de luta diária e cruenta, verdadeiros milagres. Quantos que saíram horrivelmente mutilados do campo de batalha não voltaram, em poucos dias, a empunhar com mão vigorosa o aço vingador!

Os que comandavam corpos de exército enviavam, de tempos em tempos, oficiais de confiança a revisar os hospitais, tomar nota de seus respectivos enfermos ou feridos e socorrê-los no que fosse preciso.

Eu tinha frequentes notícias dos hospitais de Itapiru e Corrientes. Os enfermos seguiam bem. A cada dia esperava algumas altas. Pensava nisso talvez, certa manhã, passeando como de costume, pelo parapeito da bateria, cujos canhões tinham suas eloquentes e fatídi-



Itapiru, 19 de abril de 1866, República do Paraguai Autor: Candido Lopez, c.1876 e 1885 Óleo s/tela

Acervo: Coleción Museo Nacional de Belas Artes - Buenos Aires

cas bocas constantemente dirigidas ao montículo de Jataiti-Corá, quando um ajudante veio anunciar-me:

- Senhor, uma alta do hospital.

Sua fisionomia traía uma surpresa.

- E quem, homem?
- Um morto.
- Qual deles?
- O cabo Gomez.

Ao ouvi-lo, saltei impaciente e alegre do parapeito à explanada, correndo em direção ao rancho do Comando. A notícia da aparição do cabo Gomez já se havia espalhado pelo acampamento. Quando cheguei à porta do rancho, um grupo de curiosos a obstruía. Deram-me passagem e entrei.

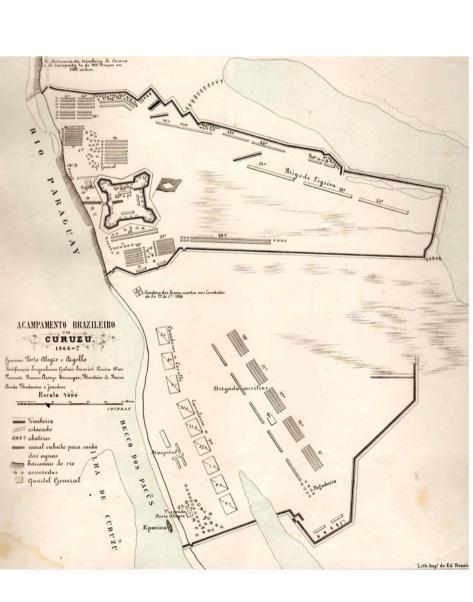
O cabo Gomez estava de pé, apoiado em seu fuzil, com a mochila a tiracolo. As suas roupas estavam destroçadas, pálido o rosto; havia emagrecido muito e custava-se a reconhecê-lo. Realmente, parecia um ressuscitado.

Dei-lhe um abraço e ordenei, no ato, que preparassem um baile para celebrar, nessa noite, a ressurreição de um companheiro e o regresso do primeiro ferido.

O batalhão era uma algazarra. Todos queriam ver o cabo ao mesmo tempo. Uns lhe faziam sinais com a cabeça, outros com as mãos e os que não podiam vê-lo

bem, trepavam pelos caibros dos ranchos. Ninguém se atrevia a me interromper, para dirigir-lhe a palavra.

- E como te foste, homem?
- Bem, meu comandante.
- Onde está a alta? perguntei ao oficial encarregado do posto de comando. Ele deu-ma e eu, percebendo que era de um hospital brasileiro, dirigi-me ao cabo.
  - Quê? Estiveste num hospital brasileiro?
  - Sim, meu comandante.
- Como te salvaste em Curupaiti? Quando ordenei que saísses da trincheira já estavas ferido nas duas pernas, não podias mover-te!
- Meu comandante, quando os outros se retiraram com a bandeira, vendo eu que ninguém me recolhia, porque não me ouviam ou não me viam, me arrastei como pude e me escondi numas moitas, para ver se de noite podia me escapar.
  - E como escapaste?
- Quando os nossos se retiraram, os paraguaios saíram da trincheira e começaram a despir os feridos e os mortos. Eu estava vivo, mas muito malferido, e como vi que matavam a alguns que estavam penando, me fiz de morto para ver se me deixavam. Não me tocaram; andaram dando voltas perto de mim, mas não me viram. Logo que a noite se pôs escura, fiz forças para le-



vantar-me e me levantei; caminhei apoiando-me no fuzil, que é este mesmo, meu comandante.

Um silêncio profundo reinava naquele momento. Todos continham até a respiração, para não perder uma só palavra do cabo.

- E por onde saíste?
- Nessa noite não pude sair, porque não era vaqueano e me perdi várias vezes. Custava-me muito caminhar, porque me doíam os balaços, mas, assim que veio a madrugada, já soube onde devia ir, porque ouvi a alvorada dos brasileiros. Segui o rumo e a fumaça de um vapor, e saí em Curuzu. Ali havia muitos feridos, que estavam embarcando; me embarcaram com eles e me levaram a Corrientes, onde estive no hospital e já estou muito melhor, meu comandante. Voltei porque já não podia agüentar as ganas de ver o batalhão.
  - Viva o cabo Gomez, rapaziada! gritei.
- Viva! responderam os mui velhacos, que nunca são mais felizes que quando se os incita à desordem e se lhes dá liberdade para retouçar.

Levaram o cabo Gomez em triunfo, abaixo de mil brincadeiras. Sua inesperada vinda foi motivo de geral animação e contentamento, durante muitas horas. Essas cenas da vida militar, ainda que freqüentes, são indescritíveis.

Garmendia veio essa tarde compartilhar do meu pucherinho, meu assado magro e minha farinha, sa-

bendo já, por um de seus assistentes, que o cabo Gomez havia ressuscitado.

Garmendia tem fibra de soldado e estava infantilmente alegre com o acontecido, de modo que a primeira coisa que me disse foi:

— Com que então o cabo Gomez não havia morrido em Curupaiti? Quanto me alegro! Onde está? Chame-o, vamos perguntar-lhe como se safou?

Contei-lhe, então, tudo o que o cabo acabava de me referir; mas como se empenhasse em ver-lhe a cara, o fiz vir.

Interrogado por Garmendia, repetiu o que já sabemos, com alguns acréscimos como, por exemplo, que na noite em que esteve escondido, ele mesmo havia ligado suas feridas, fazendo ataduras e tiras da roupa de um morto. Contou-nos, também, que estava muito triste e envergonhado, porque nos primeiros momentos do fogo, no dia de Curupaiti, o alferes Guevara lhe havia dado um bofetão, crendo que estava assustado e dizendolhe: — Eh! faça fogo, deixe de olhar o ouvido do fuzil. Que ele não estivera assustado nesse dia; que quando o alferes lhe bateu, estava limpando a chaminé de sua arma; que recém assustou-se um pouco quando os paraguaios saíram de suas posições, desnudando e matando, porque não tinha forças para defender-se e lhe deu medo que acabassem com ele sem poder enfrentálos.

Tudo isso era dito com uma ingenuidade que cativava, dando a medida da têmpera desse coração de aço.

Garmendia desfrutava como no dia de suas primeiras revelações. Eu me sentia orgulhoso de contar em minhas filas com uma criatura como aquela.

Confesso que o amava.

Nessa mesma noite, em função das intermináveis perguntas de Garmendia, soube que Gómez havia sofrido, em outro tempo, de alucinações.

Explicou-nos, em sua meia-língua, o melhor que pôde, que em Buenos Aires, sendo mais jovem, havia tido uma amante; que essa mulher lhe havia sido infiel e que ele estivera preso por causa de uma punhalada que lhe dera. Ao recordá-la, uma espécie de nuvem sombria envolveu seu rosto, ao mesmo tempo que certo sorriso terno perpassou por seus lábios.

A curiosidade aumentava o interesse desse tipo, cru, enérgico e forte, tão comum em nosso país.

Indagando das causas que armaram o braço desse Otelo correntino, tiramos a limpo que sua amante não havia faltado aos compromissos contraídos ou à fé jurada; que em sonhos, quando dormiam juntos, a tinha visto nos braços de um rival, que ele detestava muito; que quando despertou, o homem não estava ali, mas que ele o via claramente; que o apunhalou no coração e que, a um grito de sua querida, voltou a si, despertando de um todo e só então deu-se conta de que estavam os dois sozinhos e o punhal estava cravado no peito de sua bem-amada.

Esse relato deve conservar-se indelével na memória de Garmendia porque nessa noite, me disse várias vezes se não pensava escrevê-lo. Eu, então, tinha meu espírito voltado para outras preocupações e não o fiz nunca. A não ser em minha *Excursión Tierra Adentro*, a história de Gomez permanece inédita, no arquivo de minhas lembrança.

Algumas pessoas vão pensar que, na medida em que corre a pena, vou urdindo coisas imaginárias, para encher papel e aumentar o efeito artifical destas mal traçadas cartas. Todavia, é tudo verdade. Os abismos entre o mundo real e o mundo imaginário não são tão profundos. A visão pode converter-se numa amável ou numa espantosa realidade. As idéias são precursoras dos fatos.

Há mais possibilidade de que o que eu penso aconteça, que segurança de que um acontecimento qualquer se repita.

As velhas escolas filosóficas discorriam ao revés.

O passado não prova nada. Pode servir de exemplo, não de ensinamento. Mas, me lanço por esses trigais da pedanteria e tenho medo de perder-me neles.

Gomez nos fez passar uma noite amena.

No dia seguinte, outras impressões serviram de pasto à conversação. Sem dúvida alguma, nada há tão fecundo para a cabeça e para o coração como dois exércitos que se espreitam, que se tiroteiam e se canhoneiam desde que sai o sol até que se põe.

Gomez deixou, por algum tempo, tanto a atenção de Garmendia como a minha.

## Que persistência de personalidade!

Uma manhã, regressando a cavalo ao meu reduto, passei, como de costume, pelo acampamento do velho e querido Mateo J. Martínez.

Jamais o fazia sem receber ou fazer alguma brincadeira.

Esse velho em projeto, para que não se enfade, se desconhece sua atualidade, tem a facilidade difícil de fazer-se querido por quantos o tratam com intimidade.

Ia dizer que, ao passar pelo alojamento de Dom Mateo, soube por ele que no meu batalhão havia acontecido um fato desagradável.

- Você passeando, amigo, e em seu reduto matando vivandeiros?
  - Não embroma, velho!
  - -Que não embrome? Vá e verá.

Piquei o cavalo e, cheio de ansiedade e confusão, parti a galope, chegando num momento em meu reduto.

Não tive necessidade de interrogar ninguém. Um homem maneado, que rugia como uma fera na guarda de plantão, me descerrou o véu do mistério.

— Desatem esse homem! — gritei com inexplicável mescla de coragem e tristeza. E, no ato, o homem foi desatado; os rugidos cessaram, ouvindo-se só: - Quero falar com meu comandante.

Veio o comandante de campo e, em duas palavras, explicou o acontecido.

- Assassinaram um vivandeiro que estava de visita no rancho do alferes Guevara!
  - Quem?
  - O cabo Gomez.
  - Quem viu?
- Ninguém, senhor; mas suspeita-se que seja ele, porque está ébrio e murmura entre dentes: — Tinha jurado matá-lo! Um bofetão em mim!...

Fiquei aterrado!

Redigi a parte sem mencionar a Gomez.

E aqui termino por hoje.

O que não tem interesse em si mesmo, pode chegar a picar a curiosidade do amigo e dos leitores, segundo o método que se siga ao fazer o relato.

O cabo Gomez fica preso.

Um homem havia sido assassinado em plena luz do meio-dia, num recinto estreito, de cem varas quadradas<sup>5</sup>, em meio de quatrocentos seres humanos com olhos e ouvidos. Quando penetrei no reduto. O cadáver estava ali, encharcado em seu sangue ainda quente, sem que ninguém ainda o houvesse tocado e ninguém, ninguém, absolutamente ninguém, podia dizer, apoiandose no testemunho inequívoco de seus sentidos: o assassino é fulano. No entanto, todo o mundo tinha o pressentimento de que havia sido o cabo Gomez e alguns o afirmavam, sem atrever-se a jurar que o fosse.

Que estranho e profético instinto o das multidões!

Assim que fiz a parte, que reduziu-se a dar conta do fato e a pedir permissão para levantar uma sumária, tratei de averiguar o acontecido. Quando veio a correspondente contestação, eu já estava convencido de que o assassino era o cabo Gomez.

O homem, que vendo o estrangeiro ameaçar a sua terra, marcha cantando às fronteiras da pátria; que cruza rios e montanhas; a quem não detêm muralhas nem canhões, que tudo sacrifica — tempo, vontade, afeições e até a própria vida; que se lhe gritam — de pé! se levanta, — em frente! marcha, — morre aí! aí morre, no momento talvez mais doce da existência, quando acaba de receber ternas cartas de sua mãe ou de sua prometida, que esperançadas na imensa bondade de Deus, lhe falam do pronto regresso ao lar, esse homem não merece que, em um instante solene da vida, algo se faça por ele? Foi o que fiz. E, para que não me ficasse a menor dúvida

<sup>&</sup>lt;sup>5</sup> Pouco mais de 8 metros quadrados.

de que o assassino era o indicado, o fiz comparecer diante de mim e interrogando-o com essa autoridade paternal e despótica do chefe, tive a ilusão de arrancar-lhe, sem dificuldade, o terrível segredo.

O cabo ainda estava sob a influência deletéria do álcool, mas suficientemente sóbrio para responder com precisão a todas as minhas perguntas.

— Gomez — disse-lhe afetuosamente — quero salvar-te; mas, para consegui-lo, necessito saber se foste tu quem matou o homem esse que estava de visita no rancho do alferes Guevara.

O cabo não respondeu, cravando seus olhos nos meus e fazendo um gesto desses que dizem: deixe-me meditar e recordar.

Dei-lhe tempo e, quando me pareceu que a lembrança o assaltava, prossegui:

- Vamos, filho, conta-me a verdade.
- Meu comandante respondeu com o ar e o tom da mais perfeita sinceridade — eu não matei esse homem.
- Cabo acrescentei, fingindo aborrecimento porque me enganas? Estás mentindo para mim?
  - Não, meu comandante.
- Juras por Deus.
  - Juro, meu comandante.



Assalto da 3ª coluna argentina a Curupayti.

Autor: Candido Lopez, 1893

Óleo s/tela

Acervo: Coleción Museo Nacional de Belas Artes - Buenos

Aires

Essa cena se passava longe de qualquer testemunha. A última resposta do cabo me deixou sem réplica e caí em meditação, apoiando a minha enuviada fronte na mão esquerda, como que pedindo-lhe uma idéia.

Não me ocorreu nada.

Ordenei ao cabo que se retirasse.

Fez a vênia, deu meia volta e saiu da minha presença, sem haver mudado a expressão que fez quando lhe dirigi a primeira pergunta. A poucos passos dali, o esperavam dois guardas que o devolveram à cadeia.

Chamei um ajudante e ditei uma ordem , para que o alferes Juan Alvarez Ríos procedesse sem demora a levantar o devido sumário.

Alvarez era o fiscal menos indicado para descobrir ou provar o acontecido, por isso me fixei nele. Não porque fosse inepto, ao contrário, mas sim porque é um desses homens de imaginação impressionável, inclinados a crer em tudo o que se reveste de caracteres extraordinários ou maravilhosos.

Apesar do juramento do cabo, tinha minhas dúvidas e estava resolvido a salvá-lo, ainda que se apresentassem veementes indícios contra ele na inquirição de Alvarez. Voltei, pois, a fazer novas averiguações, com o duplo propósito de saber a verdade e de mistificar a imaginação de Alvarez, prevenindo manhosamente o ânimo de alguns. Por sua parte, Alvarez se pôs de imediato em ação, não se vendo jamais tamanhas providências.

Começou pelo reconhecimento médico do cadáver, revista, etc., e assim que foram preenchidas as primeiras formalidades, veio revelar-me que nas algibeiras do morto se havia achado algum dinheiro, creio que doze libras esterlinas e consultar-me sobre o que faria com elas.

Disse-lhe o que devia fazer e, assim como quem não quer nada, acrescentei: — Não lhe dizia que Gomez não podia ser o assassino?, se o fosse teria roubado o dinheiro.

Essa trivialidade surtiu todo o efeito desejado, porque Alvarez me respondeu: — Isso é o que eu digo; aqui tem alguma coisa.

Mais tarde, voltou para dizer-me que havia sido encontrada uma faca ensangüentada perto do lugar do crime, mas que havendo muitas iguais, não se podia saber se era a do cabo Gomez ou não; que depois o saberia e me diria, porque era claro que se Gomez estava com a sua, o assassino não poderia ser ele.

Embora fosse certo que a desaparição da faca de Gomez poderia provar algo, também poderia não provar nada. Era, porém, melhor que a conclusão fosse ele estar com a sua.

Outro cabo, Irrazábal, homem de minha inteira confiança, que havia sido muito tempo meu assistente, foi de quem me vali para saber se Gomez tinha ou não sua faca. Como ele estava de guarda, não tardei em sair de minha curiosidade. Gomez tinha a sua faca e nada menos que na cintura.

Fiquei perplexo em sabê-lo.

Vou passar por alto uma infinidade de detalhes. Seria coisa de nunca acabar.

Alvarez continuou investigando os fatos, enredando-se cada vez mais, na medida em que tomava novos depoimentos. O que sobretudo acabou por fazê-lo perder seu latim, foi a declaração de Gomez, que negou rotundamente haver assassinado alguém. Umas quantas manchas de sangue que tinha na manga da camisa, perto do punho, disse que deviam ser da carneada.

Efetivamente, nessa manhã havia estado no matadouro do exército, com um pelotão de sua companhia que saiu de faxina. E, para maior confusão, acontece que havia dado um pequeno talho no polegar de sua mão esquerda, com a faca de outro soldado. Não obstante, a consciência do batalhão — sem que ninguém houvesse afirmado terminentemente coisa alguma contra Gomez — seguia sendo a consciência do primeiro momento: Gomez era o assassino.

Por fim, acabou por haver dois partidos: um dos oficiais e soldados mais instruídos; outro dos menos avisados, que era o partido da grande maioria. A minoria sustentava que Gomez não era o assassino do vivandeiro e até chegou-se a sussurrar que este e o alferes Guevara haviam tido uma discussão muito acalorada, insinuando outros, com malícia, que Guevara lhe devia muito dinheiro.

Alvarez estava desesperado com tantas versões e opiniões contraditórias e, sobretudo, o que mais o con-

fundia era a minha opinião, favorável em todas as peripécias que se iam apresentando na causa de Gomez.

Os oficiais mais endiabrados o mantinham aterrorizado, zumbindo-lhe ao ouvido que seria severamente castigado se nada provasse e com muito mais razão se, sem provas, desse um parecer contra Gomez.

O pobre alferes ia e vinha em busca da minha inspiração e saía sempre cabisbaixo com esta minha reflexão: — Quantas vezes não pagam os justos pelos pecadores!

Como era natural, o sumario de culpa não tardou em ficar pronto. Em campanha o prazo é limitadíssimo para esses procedimentos. Foi encaminhado e no ato ordenou-se que o cabo Gomez fosse julgado em Conselho de Guerra ordinário.

O auditor do exército, jovem espanhol cheio de coração e talento, que serviu como um bravo, que lutou como um homem temperado à moda antiga, contra o cólera duas vezes, contra a febre intermitente, contra todas as demais pragas do Paraguai e que morreu no esquecimento, que assim costuma a pátria pagar a abnegação, era meu particular amigo. Eu o havia colocado ao lado do general Emilio Mitre, quando deixei de ser seu secretário militar. Por ele soube o que continha o processo de Gomez, que Alvarez, apesar de sua notória inabilidade, algo havia descoberto que lançava suspeitas de que Gómez era o verdadeiro autor do crime.

Nomeado o Conselho e eu, prevenido por Mariño, procurei com o maior empenho criar uma atmosfera

favorável a meu protegido, procurando os vogais, conversando com eles sobre o fato e dizendo-lhes que classe de homem era o acusado, seus serviços, seu valor heróico e a estima que, por essas razões, lhe votava.

Reuniu-se o Conselho na hora e no dia indicado e Gomez foi levado perante ele, com todas as formalidades e aparato militar, que são imponentes.

A opinião do batalhão, nesse meio tempo, havia-se tornado unânime contra Gomez. Discutia-se apenas sobre sua sorte. Uns acreditavam que seria fuzilado; outros, que não, que escaparia da execução, porque o General em Chefe, em presença de seus méritos e serviços, que eu faria constar, lhe comutaria a pena, no caso de que o Conselho o sentenciasse à morte.

Eu era o único que não tinha opinião fixa. Pareciame, às vezes, que Gomez era o assassino, em outras duvidava e o única coisa que sabia, positivamente, era que não omitiria esforços para salvar-lhe a vida.

A fim de não perder tempo, assisti o julgamento como espectador, mas vendo que o ânimo de alguns era contrário ao meu afilhado, me desgostei sobremaneira e voltei ao meu acampamento sumamente contrariado.

Foi lida a acusação e, quando chegou o momento de votar, o Conselho ficou indeciso. Em consciência, nenhum dos vogais se atrevia a decidir condenando ou absolvendo. Então, o Conselho, guiado por um sentimento de retidão e justiça, fez um coisa indevida. Devolveram os autos à instância superior e resolveram esperar. Os autor retornaram sem tardança, havendo o

Conselho Ordinário se convertido em Conselho de Guerra verbal, tendo o acusado que responder a uma porção de perguntas sugestivas, cujo resultado foi a condenação do cabo.

Os que presenciaram o interrogatório, disseram-me que o valente de Curupaiti não desmentiu um minuto sequer a sua serenidade, que a todas as perguntas respondera com serenidade.

Antes que o cabo estivesse de regresso do julgamento, eu já sabia qual havia sido a sua sorte. Entrei em ação, mas foi em vão. Nada consegui. A instância superior confirmou a sentença e, no dia seguinte, no Boletim Geral do Exército saiu a terrível ordem, mandando que o cabo Gomez fosse passado pelas armas, na frente de seu batalhão, com todas as formalidades de estilo.

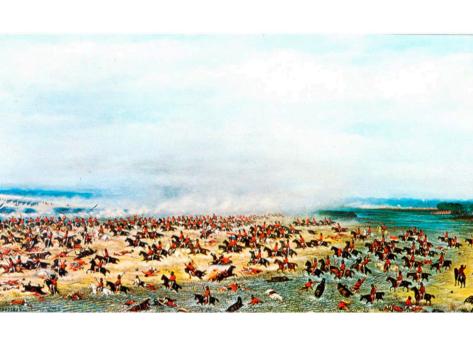
Não havia que discutir nem que pensar noutra coisa, a não ser nos últimos momentos daquele valente infortunado.

A clemência é caprichosa!

Os preparativos consistiram em pô-lo na capela e mandar chamar o confessor.

Todos haviam acusado Gomez e todos sentiam sua morte.

O cabo ouviu a leitura da sentença, sem pestanejar, caindo depois em uma espécie de letargo. Acerquei-me várias vezes à barraca em que havia sido confinado, falei em voz alta com o sentinela, mas não consegui que Gomez levantasse a cabeça.



Desembarque do Exército Argentino frente às trincheiras de Curuzu, no dia 12 de setembro de 1866.

Autor: Candido Lopez, 1891

Óleo s/tela

Acervo: Coleción Museo Nacional de Belas Artes -

**Buenos Aires** 

O confessor chegou; era o padre Lima.

Gomez era cristão e o recebeu com essa resignação consoladora que, na hora angustiosa da morte, dá valor.

O padre esteve um longo momento com o réu, e deixando-o outro sozinho, como para que voltasse sua alma sobre si mesma, veio onde eu estava, encantado com a grandeza daquele humilde soldado.

Quis perguntar-lhe se havia confessado algo do crime de que era acusado e me detive ante essa tremenda interrogação por um movimento apropriado e uma admonição discreta do sacerdote que, sem dúvida, percebeu minha intenção e disse-me: — Está se preparando.

Passei a noite em claro junto com o padre. Ele por seus deveres e eu por minha dor, que era intensa, verdadeira, imponderável. Não podíamos dormir.

Queria e não queria falar, pela última vez, com o cabo.

Decidi-me a fazê-lo.

Pobre Gomez! Quando me viu entrar, agachandome, na barraca, tentou incorporar-se e saudar-me militarmente. Era impossível pela estreiteza.

- Não te movas, filho - disse-lhe.

Permaneceu imóvel.

— Meu comandante... — murmurou.

Ao ouvir aquele "meu comandante", pareceu-me escutar essa recriminação amarga: — O senhor deixa que me fuzilem.

- Fiz tudo o que era possível para salvar-te, filho.
- Eu sei, meu comandante e seus olhos se arrasaram de lágrimas, e os meus também, abraçando-nos.

Dominando minha emoção, perguntei-lhe:

- Como fizeste isso?
- Borracho, meu comandante.
- E por que me negaste, no primeiro dia?
- O senhor me perguntou por um vivandeiro e eu acreditava ter matado o alferes Guevara.
  - Essa foi a tua intenção?
- Sim, meu comandante; me dera um bofetão, no dia do assalto a Curupaiti, sem nenhuma razão.
  - O que confessaste no Conselho?
- Meu comandante, n\u00e3o sei. Pensei que o morto era o alferes. Perguntaram-me tantas coisas que me perdi.

Saí dali.

Falei com o padre e pedi-lhe que perguntasse a Gomez o que queria. Respondeu que nada.

Roguei que lhe perguntasse se não queria encarregar-me de alguma coisa, que com muito gosto o faria.

Respondeu que, quando viesse o Comissário, lhe recolhesse seus soldos; que pagasse um *peso* que devia ao primeiro-sargento de sua companhia e que o resto mandasse para sua irmã, que vivia na Esquina, vilarejo de Corrientes, na fronteira com Entre Rios.

A noite passou lenta e tristemente.

O dia amanheceu formoso e o batalhão sombrio. Ninguém falava. Todos se arrumavam, em silêncio sepulcral, para as oito. Era a hora funesta e fatal.

A ordem era que eu presidisse a execução.

Não o fiz, porque não podia faze-lo. Estava enfermo.

O meu segundo saiu com o batalhão e comandou o espetáculo.

Eu fiquei na minha carreta. A caixa batia a marcha, lugubremente. Tapei meus ouvidos com ambas as mãos. Não queria ouvir a fatídica detonação.

Depois me contaram como Gomez havia morrido.

Desfilou marcialmente pela frente do batalhão, repetindo a reza do sacerdote. Ajoelhou-se diante da bandeira, que não flamejava, sem dúvida de tristeza. Leram-lhe a sentença e ele, dirigindo-se com ar sombrio a seus camaradas, disse com voz firme, cujo eco repercutiu com amargura: — Companheiros: assim paga a pátria aos que sabem morrer por ela!

Palavras textuais, ouvidas por infinitas testemunhas, que não me desmentirão.

Quiseram vendar-lhe os olhos e não permitiu.

Quadrou-se. Um resplendor brilhou. Os fuzis apontaram. Ouviu-se um só estampido. Gomez havia passado ao outro mundo.

O batalhão voltou às suas quadras, assim como os demais piquetes do exército, impressionados com o terrível exemplo, mas todos chorando o cabo Gomez.

Poucos dias depois, eu tive uma aparição. Decididamente, há vidas imortais.

# $\Diamond \Diamond \Diamond$

Nas imediações do meu reduto estava o palmar de Jataiti, onde tantos e tão honrosos combates para as armas argentinas tiveram lugar. Ali foi enterrado o cabo Gómez e sobre seu sepulcro mandei colocar uma tosca cruz de madeira, com esta inscrição:

"Manuel Gomez, cabo do 12 de linha".

Durante algumas horas, a sua memória ocupou tristemente a imaginação dos meus bons soldados e, pouco a pouco, o olvido, o doce olvido foi apagando as impressões lutuosas desse dia. Dali em diante, se o seu nome voltou a ser recordado, não foi mais pelos impulsos da dor sofrida.

Assim é a vida e assim é a humanidade. Tudo passa, felizmente, em uma sucessão constante, mas interrompida por emoções ternas ou desagradáveis, profundas ou superficiais.

Nem o amor, nem o ódio, nem a dor, nem a alegria absorvem, por completo, a existência de nenhum mortal. Só Deus é eterno.

A multidão logo esqueceu, como vês, o trágico fim do cabo. Eu me dispus a cumprir suas últimas vontades.

Chamei o primeiro-sargento da companhia de Granadeiros e com essa preocupação fanática, que nos faz cumprir estritamente os caprichos póstumos dos mortos queridos, paguei-lhe o *peso* devido pelo cabo.

Confesso que depois de fazê-lo, sentia um consolo inefável. Custa tanto, às vezes, cumprir as pequenezas! É por isso que o homem deve ser observado e julgado por suas pequenas obras, não pelas grandes. No cumprimento das últimas, estão interessados, geralmente, a honra ou o crédito, o amor próprio ou o orgulho, o ego-ísmo ou a ambição. No cumprimento das primeiras não influi nenhuma dessas poderosas molas da alma humana, a não ser a consciência.

Cancelada a dívida com o sargento, ficava-me por fazer a prometida remessa, para Esquina, das quantias devidas a Gomez. Esperar o Comissário era um sonho. Quando viria? E se vinha: eu estaria vivo? Entregar-me-

ia, principalmente, os soldos do cabo? O Estado não é o herdeiro infalível de nossos soldados mortos no campo de batalha, por ele mesmo, pela liberdade da pátria ou por sua honra ultrajada? Não é essa a consequência do odioso e imperfeito sistema administrativo militar que temos?

Gómez não era um soldado antigo em meu batalhão. Deixando, pois, para mais adiante, ver se recolhia os seus soldos da Guarda Nacional, resolvi mandar à sua irmã os seis ou oito que lhe eram devidos como soldado de linha.

Simbad, o correspondente do "Standard", na ocasião no teatro da guerra, era morador da Esquina e meu antigo amigo. Devo a ele a iniciação em um mundo novo: a leitura do Cosmos, esse monumento imperecível da sapiência do século XIX. Dele valer-me-ia para remeter a seu destino a pequena herança.

Teriam decorrido cinquenta de duas horas desde o instante em que o cabo, conforme relatei, recebera em seu peito intrépido as balas de seus próprios companheiros, em cumprimento de uma ordem e do mais terrível dos deveres.

Eu havia ido do meu reduto, como de costume, ao alojamento do chefe do Estado Maior, que tinha duas portas. Uma que dava para o nascente e outra para o poente. A última estava aberta. O general Gelly escrevia

<sup>6</sup> The Standard and River Plate News, periódico de Buenos Aires, em língua inglesa, fundados por Edward e Michael Mulhall em 1861.
O primeiro da América do Sul a substituir o arcaico sistema de tipografia pela linotipia. Cf. BELTRAN, O. R., in "Historia del periodismo argentino". Buenos Aires: Sopena, 1943.

com uma pausa metódica, que lhe é peculiar, numa mesinha, cuja posição variava de acordo com as horas e a porta por onde entrava o sol. Essa vez achava-se colocada perto da porta aberta. Eu estava sentado numa cadeira paraguaia de vime, dando-lhe as costas.

## Em que pensava?

Provavelmente, Santiago amigo, no mesmo que aquele tipo de comédia de San Luis, que te ponderava um dia as delícias de sua estância.

— Aqui passo o tempo —te dizia, certa formosa tarde de primavera, no corredor que dominava uma vasta campina— pensando... pensando...

E tu, interrompendo-o, com tua sorna característica: — *Em quê? Em quê?* E o pobre homem respondia: — *Em nada... Em nada...* 

O General era distraído de sua escrita, a cada passo, por oficiais que se apresentavam com distintas solicitações, dirigindo-lhe a palavra do dintel de sua porta.

Eu continuava pensando...

No instante em que meu pensamento se perdia, sei eu lá em que nebulosa, um eco do outro mundo, com sotaque correntino, ressoou em meus ouvidos:

— Agora tenho que te ver, Vossa Excelência, para que...

O meu sangue gelou, perdi a respiração..., quis dar a volta: impossível!

- Estou ocupado repetiu o General e o arranhar de sua pena, que não se interrompeu, produziu em minha cabeça um efeito nervoso semelhante ao que produz o ranger estriduloso dos dentes de um moribundo.
  - Faça-me, tchê, Vossa Excelência, o favor...
  - Estou ocupado repetiu o General.

Eu senti algo como, quando em sonhos, se nos afigura que uma força invisível nos levanta pelos cabelos às alturas onde pairam as águias.

Devia estar pálido, como a cera mais branca.

O general Gelly fixou, casualmente, seu olhar em mim e, ao ver a emoção angustiosa que me prendia, perguntou-me, preocupado:

— O que é que você tem?

Não respondi..., mas ouvi. A vertigem já ia passando.

O General estava confuso. Eu devia parecer um morto e não um doente.

- Mansilla! disse.
- General respondi, e fazendo um esforço supremo voltei a cabeça e olhei para a porta.

Se tivesse nascido mulher, teria lançado um grito e desmaiado. Os meus lábios calaram; mas como que suspenso por uma mola e como se fosse um desses bonecos de cadáver, que se usam nos palcos dos teatros, fui me levantando, pouco a pouco, da cadeira e como que querendo retroceder.

 Tchê, Vossa Excelência, faça o favor — voltou a ouvir-se.

O general Gelly levantou-se e dirigindo-se à voz que vinha da porta, respondeu:

# — Que queres?

Senti um suor frio correndo pela testa e levando minha mão a ela, e como que querendo condensar todas as minhas idéias e recordações ou faze-las convergir para um só foco, olhei para o General e exclamei apavorado:

#### - O cabo Gomez!

Efetivamente, ali estava ele, na porta do rancho do General, com o mesmo rosto que tinha na noite em que o vi por última vez. Somente havia variado seu traje. Não vestia mais o uniforme militar, mas sim um traje talar preto. Meus olhos estiveram fixos nele por um instante, que me pareceu uma eternidade. O general Gelly voltou a repetir:

— Vamos, queres o quê? E dirigindo-se a mim: Você está passando mal?

## A aparição respondeu:

 Quero que me deixes velar a cruzinha do meu irmão.

- A cruzinha de teu irmão? —retrucou o General, com ar de não entender bem.
- Pois sim, Manuel Gomez, que já morreu... E dizendo isso, começou a chorar, enxugando as lágrimas com a ponta do lenço negro, que cobria seus ombros.

Enquanto se trocaram essas palavras, voltei a mim.

- E onde esta a cruzinha do teu irmão? —disse o General.
  - No cemitério da Legião Paraguaia.

Tomando, então, a palavra, como aquela infeliz mulher não podia deixar de interessar-me, disse-lhe:

- Estás equivocada, a cruz de Gomez não está lá.
- Eu sei murmurou.

Querendo convencê-la, disse-lhe: — Sou o chefe do 12 de linha, que era o batalhão do teu irmão.

- Eu sei murmurou, retrocedendo com marcada impressão de espanto.
- Tenho os soldos de teu irmão para ti; vem ao meu batalhão, que está no reduto da direita, recebê-los e te mandarei mostrar onde está a sua cruz.

Seguiu-se um longo diálogo; eu pugnando para que a mulher fosse ao meu reduto, para dar-lhe os soldos de seu irmão e indicar-lhe o lugar de sua sepultura, e ela aferrada em que não, respondendo só: "Eu sei".

O general Gelly, parece que picado pela curiosidade sobre aquele caráter tão tenaz, fez-lhe várias perguntas:

- De onde vens?
- Da Esquina.
- Quando saíste de lá?
- Anteontem.
- Onde soubeste da morte de teu irmão?
- Em nenhuma parte.
- Como em nenhuma parte?
- Pois, em nenhuma parte.
- Deram-te a notícia em Itapiru ou aqui no acampamento?
- Em nenhuma parte.
  - E então, como ficaste sabendo?

A irmã de Gomez contou então, com simplicidade, que em sonhos, havia visto seu irmão quando o levavam para fuzilar; que como seus sonhos sempre saíam certos, havia acreditado em sua morte e que, tomando o primeiro vapor que passou por Esquina, viera velar a cruzinha, que estava no cemitério dos paraguaios, idéia fixa dela.

Às interpelações do general Gelly, seguiram-se as minhas.

O sonho da irmã de Gómez acontecera, precisamente, no momento em que esse estava na capela, recebendo os auxílios espirituais. Um fio invisível e magnético une a existência dos seres que se amam, que vivem confundidos pelos terníssimos vínculos do coração. Como já disse um grande poeta inglês: há mais coisas no céu e na terra que as sonhadas pela filosofia.<sup>7</sup>

Empenhei-me com a mulher quanto pude, a fim de que fosse ao meu reduto, procurando seduzi-la com a isca dos soldos do irmão. Foi em vão! O General a despediu, dizendo-lhe que podia velar a cruzinha de seu irmão. Depois que ele trocou algumas palavras comigo, sobre aquele estranho sonho, filosofando sobre a vida e a morte, retornei sozinho ao meu acampamento. De imediato, mandei chamar Garmendia e relatei-lhe tudo que havia acontecido. Despachamos, em seguida, emissários em busca da irmã de Gómez. Acharam-na, mas foi inútil lutar contra sua inquebrantável resolução de não me ver e, menos ainda, de convencê-la de que que a cruzinha de seu irmão não estava no cemitério que ela dizia.

Nessa noite houve um velório ao qual assistiram muitos soldados e mulheres do meu batalhão, avisados por mim. Por eles soube que a irmã de Gomez, sendo eu o chefe do 12, me responsabilizava por sua morte e que na Esquina tinha alguns meios de vida, confirmando todos, é claro, que a notícia do fuzilamento lhe havia dado Deus em sonhos. No dia seguinte, a mulher desapareceu do exército, sem que ninguém pudesse dizerme que fim levara.

<sup>&</sup>lt;sup>7</sup> Shakespeare, Hamlet, Ato I.

O único mérito que tem este conto de fogão, que aqui termina, é ser verdadeiro. Nem todas as histórias podem reivindicar esse crédito. Será, porém, verdade que o público não pegou no sono lendo-o? Com o pessoal em volta da fogueira, passaram-se diversas coisas. Quando terminei, uns roncavam, outros, a maior parte, dormiam.

Ouviam-se soar os cincerros das tropilhas; a lua despedia já alguma claridade.

— A cavalo, cordoveses! — gritei. — Acabaram-se os contos!

Todo o mundo se pôs em movimento e um quarto de hora depois rumávamos em direção a um oásis denominado Monte de la Vieja.

Boa noite!, para não dizer bom dia! ou saúde!, leitor paciente. Lucio V. Mansilla (1831-1913), escritor, político e militar, foi figura brilhante da sociedade argentina pós-Rosas. Aventureiro por temperamento, por onde andou - e correu meio mundo! - desempenhou um papel protagônico, repleto de lances de capa e espada, contrastando atos de extrema generosidade com outros de inusitada violência: que o digam seus duelos e seus amores.

Ao longo dos muitos anos de sua existência, construiu impereciveis amizades e provocou ódios ferozes. Umas lhe amenizaram a infrutifera busea da árvore de pomos de ouro; outros frustraram suas mais caras ambições no campo da política e da economia.

Apesar disso ou por isso mesmo, terminou por construit uma posição exponencial na história de sua pátria.

Traduzir alguns de seus contos ou, gauchescamente falando, de seus *causos*, é a pequena contribuição que presto ao fraterno interrelacionamento brasileiro-platino, em tema de domínio comum.

Earle D. Macarthy Moreira (Vice Presidente do IHGRGS)



